INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS (PPGRI)

DISCURSOS DE SEGURANÇA E A TRÍPLICE FRONTEIRA

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA ESTADUNIDENSE EM THE NEW YORK TIMES E THE WASHINGTON POST

LUCAS FELIPE DA SILVA

Foz do Iguaçu
2024

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS (PPGRI)

DISCURSOS DE SEGURANÇA E A TRÍPLICE FRONTEIRA

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA ESTADUNIDENSE EM THE NEW YORK TIMES E THE WASHINGTON POST

LUCAS FELIPE DA SILVA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à elaboração da dissertação do Mestrado em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo

Foz do Iguaçu
2024

LUCAS FELIPE DA SILVA

DISCURSOS DE SEGURANÇA E A TRÍPLICE FRONTEIRA

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA ESTADUNIDENSE EM THE NEW YORK TIMES E THE WASHINGTON POST

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à elaboração da dissertação do Mestrado em Relações Internacionais.

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientador: Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo
UNILA

_____

Prof. Dra. Isabelle Christine Somma de Castro
USP

_____

Prof. Dr. Micael Alvino da Silva
UNILA

Foz do Iguaçu, 22 de julho de 2024.

Catalogação elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação
Catalogação de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

S586d
Silva, Lucas Felipe da.
Discursos de segurança e a Tríplice Fronteira: análise das representações na mídia estadunidense em The New York Times e The Washington Post / Lucas Felipe da Silva. – Foz do Iguaçu, 2024.
82 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. Foz do Iguaçu, 2024.
Orientador: Mamadou Alpha Diallo.

1. Securitização. 2. Tríplice Fronteira. 3. Jornalismo eletrônico. 4. Mídia - discurso. 5. Segurança regional. I. Diallo, Mamadou Alpha. II. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. III. Título.

CDU 327.56

À minha mãe, Sueli,
meu padrasto, Ailton,
meu cachorro, Beethoven

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer a por essa etapa concluída. À minha mãe por sempre acreditar em mim e colaborar de forma tão significativa com o meu crescimento. Foi sempre parceira que apoiou todas as ideias por mais malucas que parecessem. Durante o período de escrita desta dissertação me ajudou a ter estabilidade que possibilitou continuar pesquisando enquanto vivi as mazelas de um jovem trabalhador no Brasil. Junto dela esteve sempre meu padrasto tranquilizando-me, prestando apoio e em muitas situações me salvando. Sou grato de forma indescritível.

Ao meu filho adotado, Beethoven, que nesse ano de 2024 completa 14 anos. Em todo esse tempo foram muitos momentos inesquecíveis de apoio emocional, latindo na minha janela pra acordar e ir estudar, me mostrando como viver o momento é o fundamental. Tenho tanto carinho por esse animal que sinto que em todas as minhas novas conquistas faço questão de buscar qualidade de vida desse ser tão especial. E a partir dele toda a conexão necessária que nós seres humanos temos com o planeta porque somos parte da natureza.

À banca de qualificação, representada no orientador Mamadou, por me permitir passar por este processo de produção da dissertação com caminhos acertados para melhor concluir esta pesquisa. Aos professores da Universidade Federal de Integração Latino-Americana que ministraram aulas tão complexas e completas, seja de forma virtual, em função do início durante a pandemia, ou presencialmente, já na reta final.

Sou grato a instituição Unila e todos que a fazem funcionar diariamente, uma construção e conquista da educação brasileira no contexto da América do Sul. Assumo o compromisso de fomentar a integração latina de países e culturas que são e devem continuar sendo nossos parceiros, bem como a importância de um ensino público de excelência.

RESUMO

Este estudo investiga como os jornais The Washington Post e The New York Times contribuíram para a securitização da Tríplice Fronteira em 2019, ano marcado pela inauguração do Centro Integrado de Operações Fronteiriças em Foz do Iguaçu. Utilizando uma análise qualitativa exploratória baseada na Escola de Copenhague, foram examinadas notícias online desses veículos em julho e dezembro. A pesquisa revela que os jornais repetem estigmas ligados à Tríplice Fronteira, associando-a a supostas atividades terroristas do grupo Hezbollah, mesmo sem evidências concretas. A cobertura frequentemente remete ao atentado de 1994 na Argentina, reforçando a imagem da região como espaço de risco e inteligência, ao mesmo tempo em que traça paralelos com outras áreas de interesse dos EUA, como a Venezuela. Assim, o movimento de securitização da região parece consolidado no discurso midiático, sem provas, mas sustentado por uma narrativa amplamente aceita, ainda que novas ferramentas de segurança estejam presentes.

Palavras-chave: Securitização, Tríplice Fronteira, Jornalismo on-line, Discurso midiático, Segurança regional

RESUMEN

Este estudio investiga cómo los periódicos The Washington Post y The New York Times contribuyeron a la securitización de la Triple Frontera en 2019, año marcado por la inauguración del Centro Integrado de Operaciones Fronterizas en Foz do Iguaçu. Utilizando un análisis cualitativo exploratorio basado en la Escuela de Copenhague, se examinaron noticias en línea de estos medios en julio y diciembre. La investigación revela que los periódicos repiten estigmas asociados con la Triple Frontera, vinculándola a supuestas actividades terroristas del grupo Hezbollah, a pesar de la falta de pruebas concretas. La cobertura frecuentemente hace referencia al atentado de 1994 en Argentina, reforzando la imagen de la región como un espacio de riesgo e inteligencia, al tiempo que establece paralelismos con otras áreas de interés para Estados Unidos, como Venezuela. Así, el movimiento de securitización de la región parece consolidado en el discurso mediático, sin pruebas, pero sostenido por una narrativa ampliamente aceptada, a pesar de que existan nuevas herramientas de seguridad en la región.

Palabras clave: Securitización, Triple Frontera, Periodismo en línea, Discurso mediático, Seguridad regional.

ABSTRACT

This study examines how The Washington Post and The New York Times contributed to the securitization of the Triple Frontier in 2019, a year marked by the inauguration of the "Fusion Center" in Foz do Iguaçu. Using an exploratory qualitative analysis based on the Copenhagen School, online news from these outlets was analyzed in july and december. The research reveals that the newspapers repeat stigmas associated with the Triple Frontier, linking it to alleged terrorist activities by the Hezbollah group, despite the lack of concrete evidence. The coverage frequently references the 1994 attack in Argentina, reinforcing the region's image as a space of risk and intelligence, while drawing parallels with other U.S. areas of interest, such as Venezuela. Thus, the securitization movement in the region seems consolidated in the media discourse, not supported by evidence but upheld by a widely accepted narrative, even though new security tools are now present in the region.

Keywords: Securitization, Triple Frontier, Online Journalism, Media Discourse, Regional Security

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abin	Agência Nacional de Inteligência
AMIA	Asociación Mutual Israelita Argentina
CICTE	Cooperação Hemisférica e do Comitê Interamericano contra o Terrorismo
CIOF	Centro Integrado de Operação de Fronteira
DEA	Drug Enforcement Administration
Depen	Departamento Penitenciário Nacional
DRCI	Secretaria de Recuperação de Ativos e Cooperação Jurídica Internacional Ministério da Defesa
ESI	Estudos de Segurança Internacional
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
GGcT	Guerra Global contra o Terrorismo
NYT	The New York Times
OEA	Organização dos Estados Americanos
PCC	Primeiro Comando da Capital
PF	Polícia Federal
PRF	Polícia Rodoviária Federal
SIDE	Servicio de Inteligencia del Estado
TWP	The Washington Post
UIF	Unidade de Inteligência Financeira
UST	USA Today
WSJ	The Wall Street Journal

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. A FRONTEIRA AR/BR/PY **14**
1.1 Breve História Da Tríplice Fronteira 14
1.2 Suposto terrorismo 21
1.3 Mudanças contemporâneas na segurança 28
CAPÍTULO 2. SEGURANÇA INTERNACIONAL **31**
2.1 Segurança e construtivismo crítico 31
2.2 A securitização 37
2.3 Coleta e análise de discursos 40
CAPÍTULO 3. TRÍPLICE FRONTEIRA NOS JORNAIS **46**
3.1 Análise das notícias 47
3.2 Discutindo The New York Times e The Washington Post 57
CONSIDERAÇÕES FINAIS **65**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **68**
ANEXO A **71**
ANEXO B **74**
ANEXO C **77**
ANEXO D **79**

A oposição entre a América Rica e as Américas Pobres vai adquirindo, como se vê, uma nova dimensão, ao obrigá-las a viver dramaticamente seus papéis de alternos no âmbito de um processo civilizatório que ativa, em todo o mundo, tanto os povos subdesenvolvidos quanto as minorias oprimidas das nações prósperas. Tal como no século passado, quando as forças renovadoras desencadeadas pela Revolução Industrial impulsionaram as lutas de Independência, uma nova revolução tecnológica - a.Termonuclear - está desencadeando, em nossos dias, um novo processo civilizatório que percorre a América e o mundo. Sob as estruturas de dominação tradicional, onde quer que elas existam e qualquer que seja a sua forma, emergem as forças renovadoras.

Darcy Ribeiro, 1988

Nossa região hoje se encontra, toda ela, regredindo no pouco de industrialização que conseguiu para retornar à condição exclusiva de fornecedora de matérias-primas, única que interessa aos EUA, China e Europa. Espremidos pelo jogo econômico bruto desses gigantes, todos hostis ao surgimento de novos focos de concorrência ou poder político e econômico, a América Latina e o Caribe precisam se integrar para aproveitar ao máximo as vantagens comparativas de suas economias e a proximidade geográfica, além da convergência de interesses na criação de um bloco que fortaleça a região na defesa de sua soberania.

Ciro Gomes, 2020

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é compreender como os jornais The Washington Post e The New York Times contribuíram no movimento de securitização da Tríplice Fronteira em 2019, ano que se destaca na pauta da segurança pública regional pela inauguração do Centro Integrado de Operações Fronteiriças (CIOF) na cidade brasileira de Foz do Iguaçu. Considerou-se o novo órgão como importante para as políticas de segurança de um local marcado pelo estigma com relação ao controle de pessoas e produtos, para isso foram buscadas notícias nos jornais estadunidenses que se referiram à região fronteiriça. Foi possível constatar que, na verdade o noticiário continua repetindo discursos que acusam a fronteira ligada ao terrorismo, mesmo que nenhum ato tenha acontecido lá ou mesmo provas de envolvimentos de pessoas.

Tomando às perspectivas dos Estudos de Segurança Internacional (ESI) em alinhamento com a escola de Copenhague, reconhece-se a importância do Estado nas análises de segurança. As ameaças são socialmente construídas, não sendo possível medi-las apenas de maneira objetiva. A securitização como ferramenta analítica se encaixa na formação de identidades, muitas vezes inexistentes, no ato da fala e na produção da ameaça de maneira intersubjetiva. Deve-se levar em conta a relação entre um ente e a dita ameaça e aplicar o procedimento das unidades de análise de segurança: objeto de referência, ator securitizador e ator funcional. É fundamental reconhecer que securitizar é um processo dinâmico e seu sucesso ou fracasso são determinados pela interação complexa de diversos fatores políticos, sociais e discursivos.

No Capítulo 1 entendemos Tríplice Fronteira a partir de textos que já observaram a região em momentos diferentes por diversas perspectivas, questiona-se o conceito de terrorismo comumente ligado a região. Na Guerra Global Contra o Terrorismo (GGCT) as políticas dos Estados Unidos para esse lugar estão paralelamente alinhadas com o tratamento dado ao Oriente Médio, usam da grande e influente população árabe nas cidades para ligar o espaço a supostos atos terroristas do Hezbollah. O contexto da formação do que hoje conhecemos como Tríplice Fronteira tem em 2019 a inauguração do Centro Integrado de Operações de Fronteira (CIOF), considerado um avanço importante por parte do governo brasileiro em novos aspectos de inteligência na segurança regional. No mesmo ano ocorreu a mudança de nome do grupo “3+1” entre Estados Unidos, Argentina, Brasil e Paraguai, promovida por lideranças alinhadas à direita na presidência, o novo nome buscou naturalizar a presença dos norte-americanos.

No Capítulo 2 justifica-se a inserção dessa pesquisa no campo das Relações Internacionais no contexto histórico dos Estudos de Segurança Internacional(ESI). Perpassando a Escola de Copenhague, as discussões construtivistas, eventos importantes da década de 1990 e a “guerra ao terror”, discute-se pesquisas que já analisaram a Tríplice Fronteira como alvo do movimento de securitização. Está descrito o percurso metodológico dessa pesquisa que está direcionada a escolha pela análise de discurso da língua inglesa, apresentam-se jornais da mídia norte-americana e destaca-se os selecionados. Entendendo que ao estudar discursos, somos instigados a identificar, na superfície discursiva, os traços das condições de produção e reconhecimento de um texto na análise de discursos.

No Capítulo 3 está a análise de quatro notícias, duas do The Washington Post(TWP) e duas do New York Times(NYT), sendo que três delas repetem conclusões precipitadas e estigmas. Menciona-se a suposta presença e financiamento do Hezbollah na Tríplice Fronteira, e associando-a ao terrorismo, apesar de não haver registros de atos terroristas na região. A cobertura dos jornais dos EUA se baseia em fontes governamentais, incluindo declarações da administração Trump, o que reforça o movimento dessa securitização, destacando a região ainda mais como alvo na guerra ao terror. Esse discurso, promovido pelo governo dos EUA e amplificado pela mídia, constrói identidade ameaçadora baseada mais na retórica do que em provas substanciais. Ao fim posiciona a TF como coadjuvante na narrativa dos conflitos do Oriente Médio e dos atentados de Buenos Aires, uma posição lateral que a equipara com a Venezuela.

CAPÍTULO 1. A FRONTEIRA AR/BR/PY

Essa pesquisa parte da Tríplice Fronteira para colaborar no entendimento de como a região está inserida na agenda internacional. Tornou-se comum ligar à região ao terrorismo, ainda que nenhuma ocorrência ou evidência concreta sobre ações terroristas tenha sido encontradas. Estão desenhadas neste capítulo características do processo definidor do que é o dito terrorismo e como são as políticas de enfrentamento no âmbito internacional. Além disso, a importância árabe nessa construção na segunda metade do século XX e como o ano de 2019 foi significativo para a região nas Relações Internacionais.

Inicialmente foi realizada pesquisa bibliográfica empregando uma abordagem sistemática com o propósito de realizar revisão crítica e análise aprofundada dos textos relacionados. Foram consideradas essenciais as obras de Barry Buzan, Ole Waever, Jaap De Wilde, e Lene Hansen como base dos Estudos de Segurança Internacional. Para complexificar a Tríplice Fronteira em si no contexto da pesquisa foram realizadas leituras de Camilo Pereira Carneiro Filho, Arthur Bernardes do Amaral, Heloísa Gimenez, Ingrid Purmann, Mamadou Alpha Diallo e essencialmente o livro Além dos Limites: a Tríplice Fronteira nas Relações Internacionais contemporâneas, organizado por Micael Alvino da Silva e Isabelle Christine Somma de Castro.

1.1 Breve História Da Tríplice Fronteira

A Tríplice Fronteira é marcada pelas definições de seus limites no fim do século XIX e início do século XX. O Paraguai logo após a independência definiu o governo em modelo federativo, estabelecendo-se como uma república, já a Argentina passou por décadas de negociações internas e instabilidade política até se moldar como uma república. O Brasil inicialmente constituía-se como um império e só se tornou uma república em 1889. Em relação aos limites entre o Brasil e o Paraguai, houve tratados e negociações na década de 1850 que estabeleceram o Rio Paraná como a fronteira natural entre os dois países. Após a Guerra da Tríplice Aliança, nos anos 1870, foram celebrados novos tratados para resolver disputas relacionadas ao estado brasileiro do Mato Grosso(Gimenez; Lisboa; Silva; Diallo; 2021).

Quanto aos limites entre Argentina e Brasil, a Tríplice Fronteira teve a situação definida em 1898, quando tratados de limites baseados nos rios foram assinados após a resolução da Questão de Palmas. A fronteira entre Argentina e Paraguai foi definida no Rio

Paraná após disputas resultantes das negociações do pós-guerra, fazendo com que as linhas de fronteira que conectam os três países acabassem sendo consolidadas tendo a natureza como referência.

No lado argentino a ocupação iniciou em 1897 com a instalação de um povoado próximo à fronteira, que posteriormente deu origem à cidade de Puerto Aguirre, nomeada como Puerto Iguazú em 1902. Em 1928 foram adquiridas as terras onde fundou-se o Parque Nacional Iguazú, em 1934, e em seguida foi construído o acesso terrestre à região pela Ruta 12 em 1938. Já o Paraguai teve a ocupação efetiva na década de 1950 com a construção de uma rodovia que ligava a capital do país ao seu extremo leste, culminando com a fundação do município que hoje se chama Ciudad del Este, em 1957.

Micael Alvino da Silva(2014) considera que o que hoje conhecemos como Tríplice Fronteira foi formada entre 1950 e 2000, caracterizando-se por ser um lugar onde a integração maior dos países e de destaque em toda América do Sul. Diversas obras de infraestrutura foram inauguradas a partir dos anos 50 que alteraram a cotidiano da TF, as pontes da Amizade e da Fraternidade, a Usina Hidrelétrica de Itaipu, os aeroportos internacionais, as principais rodovias, do lado brasileiro a BR-277 que leva até Paranaguá, no Paraguai a Ruta 7 até Assunción e na Argentina a Ruta 12 até a província de Buenos Aires, dentre outras.

Nesse período a região passou a ser apontada também como um local de contrabando, tráfico de armas etc, devido à triangulação de comércio exterior pelo uso do porto de Paranaguá para importações pelo Paraguai. Isso tudo além do rio que desemboca em Buenos Aires e a abertura da zona de livre comércio em Ciudad Del Este. Ou seja, a região ficou visada e ganhou uma fama de local perigoso. Paralelamente, foram fecundados vários mecanismos de cooperação internacional, incluindo acordos bilaterais e trilaterais, que buscavam promover o desenvolvimento e a cooperação.

> Brasil-Paraguay: Acta de Iguazú (1966), Tratado de Itaipú (1973), Tratado de Amistad y Cooperación Brasil-Paraguay (1975), Comité de Integración Fronteriza Foz do Iguaçu-Ciudad del (1978); Brasil-Argentina: Declaración de Iguazú (1985), Tratado de Integración, Cooperación y Desarrollo (1988), Comité de Integración Fronteriza Foz del Iguazú-Puerto Iguazú (1988), Comisión Mixta de Cooperación Técnica (1996), Comisión de Cooperación y Desarrollo Fronterizo - CODEFRO - (1999), (...) Argentina-Paraguay: Comisión de Coordinación Política e Integración Argentino-Paraguaya, (1989); Brasil-Argentina-Paraguay: Acuerdo Tripartito de coordinación técnico-operativa para el aprovechamien lo hidroeléctrico de Itaipú y Corpus (1979), Acta de Puerto Iguano The crea Comando Tripartito (1996), Acuerdo para la Seguridad en la Triple Frontera (1996). (CHIANI, 2021, p. 210)

Durante a década de 1990 dois acontecimentos que são importantes nas acusações

de ligação de terrorismo à Tríplice Fronteira. O primeiro foi o atentado terrorista à Embaixada de Israel na capital argentina Buenos Aires, em 1992, que deixou 29 mortos, e então no ano seguinte vem a primeira menção da suposta presença de um grupo terrorista no cone sul pelo documento Patterns of Global Terrorism(PURMANN, 2018). O segundo acontecimento foi o atentado contra a AMIA que vitimou 85 pessoas e deixou feridas aproximadamente 300 indivíduos em 1994. Na época as investigações foram comandadas pela agência de inteligência da Argentina, o Servicio de inteligência del Estado(SIDE), em conjunto com a CIA, o FBI e o Mossad Israelense, indicou-se a Tríplice Fronteira como o lugar por onde supostamente os responsáveis teriam entrado em território argentino.

Nos anos que se seguiram ao segundo atentado na Argentina − 1995, 1996, 1997, 1998– outros documentos foram gerados que reforçaram em relação à Tríplice Fronteira, sendo que a partir de 1996 as parcerias trilaterais entre Brasil, Argentina e Paraguai, para reforçar a segurança na fronteira ganharam destaque. Paralelamente, na última década do século XX, comerciantes da China e Oriente Médio foram atraídos para a região devido à alta competitividade dos produtos nos preços em Cidade do Leste (Gimenez; Lisboa; Silva; 2018). A população de imigrantes e descendentes de árabes e muçulmanos cresceu ainda mais no início dos anos 2000, os mesmos se tornaram donos de grandes importadoras do ramos da informática, eletrônicos, perfume e whiskies.

Foi em 2001, após o atentado de 11 de setembro nos EUA, quando a Tríplice Fronteira ocupou definitivamente espaço na agenda de segurança internacional. Para Arthur Bernardes do Amaral (2010), esse momento soma-se ao esforço argentino nos atentados dos anos 90 e marca uma virada na proporção das acusações de suposta relação da região com terrorismo. A partir de 2002 a Estratégia de Segurança Internacional dos Estados Unidos passou a prescrever “alianças flexíveis” com países do “Hemisfério Ocidental democrático” e maior colaboração em regiões do continente consideradas em condições econômicas, institucionais e sociais, avaliadas por eles, como propícias para atividades de grupos terroristas (VILLA, 2013).

Na agenda internacional, Carneiro Filho (2016) diz que “relacionar drogas e terrorismo produz sinergias políticas e práticas benéficas a alguns grupos econômicos estadunidenses, trazendo vantagens em forma de recursos para as agências envolvidas” (CARNEIRO FILHO, 2016, p. 227). Em 2003 o congresso estadunidense citou presença de atividades ilícitas na Tríplice Fronteira devido “ao despreparo e à fraqueza das forças de segurança pública da região em coletar informações sobre as atividades dos diferentes grupos que agem ilicitamente” (VILLA, 2014, p. 367). Foram estabelecidas ações de cooperação e

diálogos frequentes entre os 4 países, como a permissão para entrada da marinha dos EUA em território paraguaio em 2005, a criação da Comissão 3+1 para a segurança da Tríplice Fronteira- composto por Argentina, Brasil, Paraguai e Estados Unidos, e o treinamento de agentes locais pelo Comitê Interamericano contra o Terrorismo(PURMANN; LISBOA, 2018).

O Departamento de Estado dos Estados Unidos começou a distribuir informes à imprensa estadunidense e europeia, a maioria sem fundamento, com objetivo de vincular os árabes da Tríplice Fronteira com redes terroristas. A mídia brasileira corroborou com a narrativa na época, como continua fazendo com as fronteiras e periferias brasileiras ligando-as a "um imaginário de situações recorrentes atrelados a ausência do estado, caos e violência que persiste mesmo com o fim da Ideologia de Segurança Nacional da Guerra Fria"(SILVEIRA, 2012, p. 79). Em certa medida o mesmo ocorre quando a fronteira fala sobre si no discurso midiático, mas sem atrelar nada ao terrorismo no cotidiano, pelo contrário nas ruas essa acusação estadunidense continua sem evidência.

Um episódio que suscitou grande atenção foi a reportagem publicada no NYT, em 27 de setembro de 2001, intitulada "Terroristas são procurados em refúgio latino de contrabandistas"(CASTRO, 2021, p. 148). O texto destacava a presença de 40 agentes do FBI e policiais de outros três países não especificados em Ciudad del Este, a operação buscava "terroristas islâmicos". A publicação foi feita um dia após o embaixador brasileiro em Washington, Rubens Barbosa, receber a informação do representante dos Estados Unidos de que "não havia nada na região". O ponto do questionamento do embaixador brasileiro se concentrou nas áreas de fronteira, excluindo outras localidades no Brasil com grandes concentrações da comunidade árabe, como São Paulo e Curitiba. Em um telegrama que descreve sua abordagem, Barbosa menciona que seu interlocutor afirmou "não haver nada no Pentágono que despertasse preocupação para as autoridades norte-americanas naquelas áreas do sul do Brasil"(CASTRO, 2021, p. 147).

Esse esforço brasileiro resultou em êxito e a narrativa da falta de evidências foi incorporada ao relatório final das reuniões do antigo grupo 3+1 em pelo menos duas ocasiões significativas. A primeira declaração, relacionada a uma reunião de dezembro de 2005, afirmava que "os participantes concluíram que, segundo a informação disponível, nenhum ato operacional de terrorismo foi detectado na Área da Tríplice Fronteira" (CASTRO, 2021, p. 165). Reforça-se que a Tríplice Fronteira não representava uma ameaça iminente em termos de atividades terroristas, algo que já podia ser visto antes da virada do século XXI com o fortalecimento de estruturas de segurança em meio a securitização inicial ainda ligada aos ataques em Buenos Aires.

Abordando as perspectivas acadêmicas após o 11 de setembro, Micael Alvino Silva (2021) relata que a partir de 2003 foi iniciada uma ação conjunta envolvendo várias agências governamentais, como a Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Receita Federal, Exército Brasileiro e Ministério Público Federal, visando combater o contrabando e o descaminho na região da TF. A Operação Comboio Nacional teve um impacto significativo, resultando na apreensão gradual de centenas de ônibus que eram usados para o transporte ilegal de mercadorias e a redução da atividade dos "sacoleiros" a partir de 2006. Essas ações serviram tanto para demonstrar efetividade interna e externa, dentro da construção da identidade de que o Brasil estava empenhado no combate às ilegalidades na fronteira.

Chiani (2021) destaca a criação e funcionamento do Comando Tripartite da Tríplice Fronteira, composto pelas diferentes Forças de Segurança e policiais dos três países, criado em 1996. O órgão abordou todas as questões relacionadas à segurança na região e deu base para a assinatura de um Acordo Complementar ao Acordo de Localidades Fronteiriças Vinculadas para a cooperação jurídica internacional. Um dos resultados foi a implementação do Registro de Estatísticas de Segurança (RESPI) nos Passos Internacionais, demonstrando que os próprios atores regionais já pensavam estratégias de combate à criminalidade na fronteira no contexto pós 1994 na Argentina. Essas medidas não apenas visavam aumentar a segurança, mas também contribuíram para fortalecer a credibilidade do discurso, especialmente da chancelaria do Brasil, que enfatizava a falta de evidências sobre a presença de grupos terroristas na área.

Embora as iniciativas de segurança pública não tenham eliminado completamente as atividades dos contrabandistas na região, elas tiveram um impacto notável no comércio de produtos populares e falsificados destinados aos grandes centros brasileiros. Simultaneamente, o Brasil ampliou suas relações comerciais com a China, o que resultou na entrada direta de produtos de baixo custo pelos portos brasileiros, tornando a triangulação com o Paraguai obsoleta. Muitos analistas internacionais ainda têm dificuldade em compreender essa mudança na dinâmica da Tríplice Fronteira, continuando a considerar a região como era no início do século.

A partir dos estudos mais recentes de Castro (2020) foram observadas mudanças significativas no relatório governamental dos EUA que aborda o terrorismo internacional e o contra-terrorismo. O documento Padrões de Terrorismo Global[1] apresentou um novo formato e nome em 2006, foi substituído pelo Relatórios sobre Terrorismo por País[2], e gerou críticas

[1] Tradução de: Patterns of Global Terrorism
[2] Tradução de: Country Reports on Terrorism

por incluir um capítulo específico sobre "Refúgios Seguros de Terroristas" no qual a Tríplice Fronteira foi mencionada. A partir desse momento foi atribuída a ela uma conotação de ameaça global a partir da potência dominante no sistema internacional.

Algumas inconsistências e lacunas nas avaliações do Departamento de Estado foram apontadas pela autora, como o fato de a Tríplice Fronteira ter sido rotulada como refúgio seguro para o terrorismo enquanto outros contextos e áreas onde milícias armadas e gangues operam livremente, como Somália e Afeganistão, não foram destacados. Também sem menções às atividades das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), dadas como um refúgio seguro mesmo antes dos acordos de paz de 2017. Em uma edição subsequente, lançada em 2013, a TF deixou de ser mencionada na lista de e os únicos países da América do Sul citados foram a Colômbia e a Venezuela, no contexto das FARC no capítulo de "Visão Geral do Hemisfério Ocidental". Não há explicações fornecidas no relatório sobre os motivos para a exclusão da lista desde que foi incluída em 2005.

Há uma conexão identificada entre os eventos no Oriente Médio e o discurso sobre a Tríplice Fronteira nos relatórios do Departamento de Estado dos EUA, um aumento no uso das palavras "dinheiro" e "lavagem de dinheiro"(CASTRO, 2020, p.553) durante os períodos que coincidem com as guerras entre Israel e o Líbano (2006) e a Guerra de Gaza (2008-2009). Essa ênfase no campo semântico financeiro indica uma forte conexão entre os interesses dos EUA no Oriente Médio e o discurso que continua ancorado na suposta falta de presença de controle da região.

A conexão entre a Tríplice Fronteira e atividades terroristas do Departamento de Estado dos EUA sugeriu que a área abrigava campos de treinamento e financiou grupos internacionais acusados de atos terroristas, classificando-a como um "refúgio seguro"(CASTRO, 2020, p.545). A visita de Khalid Sheikh Mohammed, membro conhecido da Al Qaeda e envolvido no ataque ao World Trade Center em 1993, a Foz do Iguaçu, em 1995, deu margem para a alegação de que o grupo tinha laços com a comunidade local. Informações publicadas na revista brasileira Veja sobre uma suposta viagem de Osama bin Laden à região foram consideradas falsas.

Menos de 10 anos após o 11 de setembro estadunidense, assumindo as narrativas sobre a presença de terrorismo, uma mudança considerada significativa por Silva(2021) envolveu a questão da legislação nos países da Tríplice Fronteira. Até então, apontava-se a ausência de legislação específica para criminalizar o terrorismo, cenário que começou a mudar em junho de 2010 quando o Paraguai aprovou a Lei 4.024 e estabeleceu punições para atos terroristas, associação terrorista e financiamento do terrorismo. Em dezembro de 2011 a

Argentina também modificou o Código Penal nos artigos 41 e 306 sobre o mesmo tema.

A aprovação e sanção da lei brasileira 13.260, de 2016, durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, foi mencionada como de grande importância nos relatórios durante a administração Obama. Mas, após a aprovação, perdeu relevância nas edições posteriores do Relatórios sobre Terrorismo por País(CASTRO, 2021). O documento referente a 2018 apresentou uma mudança significativa na abordagem, passando a ser especialmente em relação à suposta arrecadação de dinheiro para financiar grupos terroristas na TF. Essa mudança mantém contradição, uma vez que a região não registrou eventos que justificassem tal alteração.

Como parte do conhecimento para a pesquisa, a escolha de focar em notícias de língua inglesa se dá por estudos anteriores que observaram diferenças na cobertura em veículos em espanhol e em inglês. Em 2017 a cobertura de veículos sobre um roubo milionário em Ciudad Del Este, como o nigeriano Vanguard, descreveram a região com *war zone*, também foi possível observar essa narrativa bélica, mesmo sem uso de zona de guerra diretamente, em textos jornalísticos de jornais como a CNN, Mirror (GB) do Reino Unido e no Russia Today da Rússia (SILVA; SILVEIRA, 2018). O caso em questão pode ser descrito como um assalto milionário ocorrido na madrugada de 24 de abril de 2017 na sede da transportadora de valores Prosseguir, localizada em Ciudad del Este, sudeste do Paraguai, onde dezenas de assaltantes realizaram um roubo utilizando explosivos, armas de fogo de grande calibre e táticas de distração para invadir o cofre da empresa. A ação resultou em confronto com a polícia paraguaia e um oficial de polícia foi morto. Os ladrões fugiram e foram perseguidos pelas forças de segurança até a fronteira brasileira, onde ocorreram novos tiroteios, prisões e mortes de suspeitos.

Logo após o roubo, o Ministro do Interior do Paraguai, Lorenzo Lezacano, levantou a suspeita de que o assalto teria sido planejado pelo Primeiro Comando da Capital (PCC), uma das maiores organizações criminosas brasileiras, com base em São Paulo. Inicialmente, a quantidade de dinheiro roubada não foi divulgada pela empresa Prossegur, mas especulava-se que o cofre poderia conter até 40 milhões de dólares. Posteriormente, a quantia roubada foi informada como inferior a oito milhões de dólares e, mais tarde, ajustada para 11.720.255 milhões de dólares pela empresa. As forças de segurança brasileiras conseguiram recuperar parte do valor roubado, prenderam suspeitos e ocorreram confrontos no Brasil, resultando em mortes também.

Esse evento teve uma ampla cobertura na mídia internacionalmente, sendo que inicialmente a mídia local e as autoridades consideraram o roubo como o maior da história do

Paraguai. As manchetes internacionais utilizaram a expressão Robbery of the century, o roubo do século, isso caracteriza o incidente destacando sua dimensão impactante e relevância em âmbito global. A utilização dessa expressão demonstrou a magnitude e a atenção que o assalto recebeu não apenas ao nível local, mas também em escala internacional, o termo é creditado às autoridades sem fonte específica. Aparece com diversas origens em reportagens do Aljazeera, Vanguard, The Atlanta Journal-Constitution, Euronews, Mirror e Russian Today. É mais um episódio, ainda a ser mais explorado, já que anos depois se tornou cena de série disponível em plataformas mundiais de streaming, dentro da cobertura midiática sobre crime internacional.

1.2 Suposto terrorismo

Para Diallo (2021) o término da Guerra Fria marcou não apenas o fim da concepção de segurança global baseada na ameaça soviética, mas também estabeleceu o terrorismo como uma ameaça mais complexa e perigosa, com potencial associação a outras formas de criminalidade transnacional, como o narcotráfico, por exemplo. São problemas que outros espaços também enfrentaram e enfrentam na América do Sul, mas que na complexa realidade da fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai tem destaque na agenda internacional. Um dos líderes da GGCT, os Estados Unidos, continuam a produzir discursos a partir da mídia e nesse sentido a análise dos mesmos é ferramenta favorável para apontar caminho o ato possível de securitizar.

Os estudos de Eric Hobsbawm (2008) sobre as categorizações do fenômeno do terrorismo revelam quatro ondas históricas distintas. A primeira onda, denominada onda da anarquia, teve origem na Rússia na década de 1880; a segunda onda, conhecida como onda anticolonial, começou na década de 1920 e perdurou por cerca de quarenta anos; a terceira onda, chamada de Nova Esquerda, exemplificada pelas FARC, surgiu na década de 1960; e a quarta onda, a onda religiosa, teve seu início em 1979 com a Revolução Iraniana e é atualmente considerada a manifestação mais relevante do terrorismo moderno.

Dentro desse contexto da onda religiosa, destaca-se o fundamentalismo islâmico, que representa um pequeno, porém influente, grupo de seguidores da fé islâmica. No islamismo, cerca de 90% dos fiéis são classificados como "tradicionais," 9% como "fundamentalistas" e 1% como "inovadores" ou modernos. Os próprios fundamentalistas reivindicam sua associação com o islamismo e fundamentam seus argumentos no conceito de "Jihad"(DIALLO, 2021, p. 127), que muitas vezes é erroneamente interpretado como "guerra

santa" em nome de Deus. A definição correta abrange uma ética religiosa que envolve esforço dinâmico, autocontrole racional dos impulsos naturais e a aderência aos mandamentos divinos.

O fenômeno do fundamentalismo islâmico deve ser compreendido como um retorno absoluto ao Alcorão como a única base para qualquer crítica e renovação religiosa. Os fundamentalistas advogam a aplicação da "Xaria", que é a lei islâmica, como o único fundamento para a organização da sociedade. Isso implica uma rejeição das bases do Estado moderno e das civilizações ditas ocidentais, que são consideradas responsáveis pelos males enfrentados pelas regiões periféricas e, em especial, pelas nações muçulmanas.

A utilização do termo "terrorismo" em uma ampla variedade de contextos, muitas vezes em conflito com definições precisas, refletiu uma mudança na maneira como o Estado viu sua missão de proteger a segurança interna. As perspectivas pós-estruturalistas, feministas, pós-colonialistas, construtivistas críticos e a Escola de Copenhague compartilham a visão de segurança como um discurso que constitui ameaças e identidades, em vez de ser uma condição objetiva e material. A partir disso, os "terroristas" não são considerados ameaças identificáveis, mas sim sinais que constituem o “outro” radical. Os "terroristas" são vistos como maléficos, traiçoeiros, bárbaros e irracionais, e não como oponentes legítimos.

Abordagens discursivas mostram como as ações foram constituídas no 11 de setembro, e como o "terror", os "atos de guerra" e "orquestrados" foram constituídos em vez de "acidentes" ou "crimes" cometidos por alguns poucos indivíduos. No que se refere à guerra contra o Iraque, o fracasso da coalizão em encontrar armas nucleares, que seria a razão mais imediata para a entrada na guerra, causou uma mudança no discurso ocidental, enfatizando que a guerra foi empreendida em defesa dos direitos humanos universais. À medida que crescia a oposição armada à "ocupação", à "construção de nação" ou à "reconstrução" encabeçada pelos Estados Unidos e Reino Unido, surgiram o "terrorismo", a "insurgência" e/ou o "fundamentalismo islâmico".

Abordagens ampliadoras discursivas analisam as formas pelas quais esses discursos procuraram legitimar a luta da GGCT no Iraque por meio de uma mobilização de categorias universalmente boas, tais como civilização, democracia, direitos humanos, desenvolvimento e reconstrução. Esse é um discurso que legitimava a guerra por ser desenvolvimentista e que tornava a identificação do "universalmente bom" a única prerrogativa do Ocidente superior, repetindo, portanto, a tradição colonial e orientalista.

A constituição de perfis terroristas é intimamente entrelaçada aos discursos políticos sobre insegurança em voga. A construção desses perfis é sempre profética, pois

procura identificar a ameaça futura e, a partir daí, produzir seu próprio sujeito. Isso acaba por criar uma sociedade da insegurança, na qual cada cidadão aprende a ficar alerta e na espreita de pacotes, atividades e pessoas suspeitas. Essa vigilância resulta na criação de uma sociedade da suspeita, na qual os corpos são potenciais detentores de insegurança. Uma consequência concreta dessa sociedade foi o disparo contra o eletricista brasileiro Jean Charles de Menezes no metrô londrino por policiais que o confundiram com um terrorista.

Considera-se necessário exaurir o conceito de terrorismo, uma vez que nenhum ato terrorista aconteceu na Tríplice Fronteira e ainda assim foram construídas relações desse espaço com a guerra ao terror. Esse fenômeno é muito mais complexo e a partir da sua compreensão total fica ainda mais evidente o processo securitizador para com a região. Afinal, quais as características terroristas? Quais as associações que são feitas a partir deles?

O terrorismo é uma forma de violência cujo objetivo é produzir terror[3] na população ou em uma parte definida dela por meio da aplicação direta da força, com requintes de crueldade e violência homicida, como matar, mutilar, etc. Essa violência pode ser analisada nos níveis tático, estratégico e político. No nível tático o objetivo é provocar o maior dano possível; no nível estratégico o objetivo é sempre provocar terror; e no nível político o objetivo é provocar a fratura da vontade do inimigo, a desestabilização do tecido social e a falência do Estado. Diferente de outras formas de violência política, as ações terroristas não pretende a tomada do poder, mas sim provocar um pânico incontrolável na população (SAINT-PIERRE, 2015). A vítima do terrorismo pode ser analisada em cada um dos três níveis de análise: a vítima tática é a vítima direta, a vítima estratégica é a população aterrorizada e a vítima política é o Estado.

O terrorismo aleatório não identifica um inimigo e apenas procura provocar uma comoção social desintegradora. Os atentados de 11 de setembro de 2001 colocaram os norte-americanos na situação de desamparo, submergindo-os na insegurança e desorganizando a projeção estratégica, resultando em uma resposta do George W. Bush que desmoralizou as deliberações da ONU e trivializou o conceito de "terrorista".

> Ante a divulgação das imagens dos atentados de Nova York, refletindo plasticamente sobre o ponto a que pode chegar a ira “irracional” dos terroristas “islâmicos”, passou quase inadvertida a atitude terrorista do presidente da maior superpotência que o mundo já conhecera ameaçando “a todos aqueles países que não estivessem do lado dos Estados Unidos”. Para o olhar eletrônico do mundo, a redução a escombros da milenar cultura iraquiana e do miserável Afeganistão pareceu uma resposta “racional”, adequada e “justa” pelo que os norte-americanos sofreram. Encontrar-se-á sempre algum jurista que consiga argumentar a favor da “racionalidade” dos tribunais excepcionais e da suspensão dos direitos individuais

[3] Essas ideias são defendidas por autores como Wardlaw e Reinares, entre outros.

> nos Estados Unidos para preservar a “ordem democrática” (SAINT-PIERRE, 2015, p. 16)

A ambiguidade conceitual e jurídica é funcional para aqueles que têm condições de impor sua interpretação pela força, mas é fatal para a previsibilidade necessária que permite manter relações sociais estáveis. O resultado é a manutenção de estruturas opressoras que mesmo nas aberturas para o progresso continuam na imprevisibilidade do dano a ser causado. Mais de 20 anos após o evento, a lógica de vigia continua nos discursos e na ação internacional, uma junto da outra, mas não necessariamente alinhadas no mesmo tom.

No livro Relações Internacionais: polaridades e novos/velhos temas emergentes, Aguilar(2010) resgata que desde a década de 1970 a luta contra o terrorismo tem sido um tema importante ao nível regional e internacional. Em 1971 a Convenção para a Prevenção e Punição de Atos Terroristas Configurados em Delitos contra as Pessoas e Extorsão Conexa foi aprovada pela Organização dos Estados Americanos (OEA). A Convenção foi reforçada ao longo dos anos, com a criação do Plano de Ação de Cooperação Hemisférica e do Comitê Interamericano contra o Terrorismo (CICTE), além da Convenção Interamericana para a Repressão ao Terrorismo, que entrou em vigor em 2003.

Ainda nos anos 70, iniciativas regionais antiterroristas foram tomadas na Europa com a Convenção Europeia para a Repressão ao Terrorismo de 1977, e, duas décadas depois, na Liga Árabe com a Convenção Árabe para a Repressão ao Terrorismo de 1998, na Organização da Conferência Islâmica com a Convenção para o Combate ao Terrorismo de 1999. A União Africana e a Associação para a Cooperação Regional do Sul Asiático também se juntaram a essas iniciativas, criando suas próprias convenções para prevenção e combate ao terrorismo, todas datadas de 1999 (SALA; GASPAROTO, 2010). Essas convenções e tratados tiveram como objetivo fortalecer a cooperação internacional, o intercâmbio de informações e as medidas jurídicas para prevenir e combater o terrorismo.

Em relação à evolução dos estudos de segurança internacional, Buzan e Hansem (2012) relatam que terrorismo era considerado uma preocupação constante, mas não central, na literatura de ESI. Ele fazia parte da "nova desordem mundial" geral e estava nas quinas das principais correntes, próximos de temas como o crime transnacional, que também fazia parte de uma literatura menor sobre segurança internacional. Alguns eventos foram significativos para o tema durante os anos 90:

> Os principais eventos terroristas dos anos 1990 incluíram:
> 1993 - bombardeio do World Trade Center na cidade de Nova York
> 1995 - ataque de gás do Aum Shinrikyo em Tóquio
> 1995 - explosão de um edifício de treinamento militar em Riad

> 1995 - explosões em Oklahoma City (domésticas, mas, inicialmente, consideradas terrorismo internacional)
> 1996 - caminhão-bomba na base da Força Aérea norte-americana perto de Dhahran, Arábia Saudita
> 1998 - explosões nas embaixadas norte-americanas na Tanzânia e no Quênia
> 2000 - ataque ao USS Cole em Áden(BUZAN; HANSEN, 2012, p. 279)

Durante a década de 1990, outro momento a ser destacado foram os Acordos de Paz de Dayton, alcançados após as campanhas de bombardeio da OTAN em 1995, que proporcionaram suporte para a intervenção em Kosovo em 1999. A OTAN, que contava exclusivamente com o bombardeio aéreo, não perdeu uma única vida em combate. Embora houvesse ceticismo quanto ao poder coercitivo do bombardeio aéreo, a vitória em Kosovo levantou um debate sobre as lições que poderiam ser aprendidas: foi a primeira vez em que apenas ataques aéreos asseguraram a vitória.

Chegando no início dos anos 2000, embora o 11 de setembro tenha tido um impacto significativo sobre a literatura existente sobre terrorismo, isso não significa necessariamente que os ESI foram mudados. Os eventos podem alterar o equilíbrio entre as perspectivas existentes ou estabelecer novas abordagens, mas também podem solidificar perspectivas existentes e suas características sociológicas mais amplas(BUZAN; HANSEN, 2012). O interesse pela religião na literatura sobre terrorismo aumentou, ainda que já estivesse se desenrolando. Essa mudança desafiou tanto os ampliadores, que viram o núcleo da segurança deslocar-se para a violência política, quanto os tradicionalistas, que viram a mudança no enfoque da guerra interestatal para as relações entre Estados e atores não estatais. Outro foco de maior atenção foi o Oriente Médio, que já tem sido objeto de preocupação e interesse para os Estados Unidos por décadas, especialmente no contexto de segurança e guerra, e contemporaneamente pela proliferação nuclear nesta região.

Para Sérgio Luiz Cruz Aguilar (2010), o terrorismo é uma questão complexa que tem raízes sociais e políticas e pode ser intensificado pela intransigência política e postura belicista e imperialista de alguns governos. A Al Qaeda é um exemplo de uma organização que cresceu em intensidade e qualidade de ataques devido a essas circunstâncias, dando exemplo de como podem causar um impacto econômico e social significativo, causando mais efeitos que danos. O atentado terrorista da Al Qaeda nos EUA em 2001 é um exemplo disso, com o governo norte-americano estimando que o custo da organização foi muito inferior aos custos para combater o terrorismo.

Olhar para o ataque às torres gêmeas como evento nascituro, contudo, é um erro. Para Saint-Pierre (2015) o uso de atos terroristas não é uma novidade, pois tem acompanhado

o homem desde sempre. Ele argumenta que o que torna o terrorismo atual diferente é a sua crescente internacionalização, e nesse sentido, sim, o 11 de setembro se torna de extrema relevância. Isso significa que se tornou mais fácil para grupos terroristas operarem em diferentes países e regiões, o que dificulta a identificação e a prevenção dessas ações. O texto aponta ainda que, embora existam critérios para se diferenciar o terrorismo de outras formas de violência, a distinção na política nem sempre é clara. Exemplos disso foram os atentados à Embaixada de Israel na Argentina e à AMIA, que, apesar de notórios, não foram considerados "terrorismo internacional" na época, ainda que muitos argentinos posteriormente o ligariam ao Hezbollah e ao Irã.

Originário no contexto da Revolução Iraniana e do conflito civil libanês, o Hezbollah é uma organização complexa que teve evolução e adaptabilidade ao longo de sua história. Inicialmente, surgiu como uma milícia armada destinada a combater as forças israelenses que ocuparam o sul do Líbano. Desde 1983 os Estados Unidos rotulam o grupo como uma organização terrorista, mas a influência do fato de ser um partido político e a atuação em áreas como caridade, educação e saúde adicionam mais camadas à situação. Nesse sentido, o assunto terrorismo não pode ser reduzido sem levar em consideração a geopolítica e complexidades internacionais em jogo.

Para Diallo (2021), a ligação que ocorre entre Tríplice Fronteira e terroristas parece mais um reflexo da política externa dos Estados Unidos no Oriente Médio do que um olhar aprofundado e singular sobre o espaço. Tampouco o conhecimento a respeito do próprio Oriente produzido pelo ocidente consegue ter esse aprofundamento de forma geral, sendo importante relembrar a invenção do Oriente pelo Ocidente no pano de fundo dessa análise: o conceito de orientalismo, desenvolvido por Edward Said(1979) sobre significados que se relacionam com a percepção e o estudo do Oriente.

. Said(1979) explora três aspectos distintos: inicialmente, o orientalismo é apresentado como uma abordagem cultural e ideológica que o Ocidente utilizou para definir, categorizar e representar orientais. Essa representação se baseava em instituições, vocabulário, conhecimento erudito e imagens que contribuem para criar uma visão muitas vezes distorcida e simplificada. Nota-se influência de uma postura colonialista que subestima as culturas orientais. Como uma atividade acadêmica, o orientalismo está em qualquer pessoa que ensine, escreva ou pesquise sobre o Oriente. O terceiro aspecto do orientalismo é o mais histórico e materialmente definido, descrevendo-o como uma instituição organizada que surgiu no final do século XVIII e cujo objetivo era negociar com o Oriente. Isso envolvia fazer declarações, autorizar opiniões, descrevê-lo, colonizá-lo e governá-lo. Uma forma pela

qual a cultura europeia exerceu poder, influenciando politicamente, sociologicamente, ideológica, científica e imaginativamente.

É necessário reconhecer a importância da posição do sujeito humano na produção de conhecimento nas ciências humanas, qualquer estudo do Oriente por parte de europeus ou americanos deve levar em consideração a realidade fundamental de que o pesquisador aborda primeiro como europeu ou americano e, em segundo lugar, como indivíduo. Essa identidade não é passiva, mas envolve uma consciência, mesmo que vaga, de pertencer a uma potência com interesses específicos e de ser parte de uma região com uma história de envolvimento no Oriente desde tempos antigos. Quanto mais ao estudar esse fenômeno a partir de uma fronteira na América do Sul que tem forte influência oriental colocada na agenda internacional a partir da sua associação com grupos do Oriente Médio.

1.3 Mudanças contemporâneas na segurança

O contexto de início das reflexões que findaram nessa pesquisa é 2019, o primeiro ano do governo de Jair Messias Bolsonaro no Brasil, segundo de Mário Abdo Benítez no Paraguai, penúltimo de Donald Trump nos Estados Unidos e último de Mauricio Macri na Argentina. Todos alinhados à direita do campo político sulamericano pelas palavras dos mesmos. Em julho marcou-se o aniversário de meio século dos atentados contra AMIA, a data foi escolhida pelos Estados Unidos para realização de uma conferência de contraterrorismo na América Latina -a primeira reunião desse modelo foi realizada no fim de 2018 em território estadunidense. Durante a conferência em Buenos Aires, com a presença do Secretário de Estado dos Estados Unidos Mike Pompeo, a Argentina se tornou o primeiro país sulamericano a designar o Hezbollah como uma organização terrorista. O Paraguai seguiu o exemplo em agosto e o Brasil continua como exceção, ainda que Bolsonaro tenha mencionado que faria isso.

Em novembro, uma reunião em Assunção marcou a mudança do nome do Grupo 3+1 para a Segurança da Tríplice Fronteira para o Mecanismo Regional de Segurança. Segundo Castro(2021), essa alteração buscou naturalizar a participação dos Estados Unidos e demonstrou uma perda significativa da autonomia regional, visando conferir aura mais orgânica no avanço significativo dos interesses estadunidenses na agenda regional. Já em 16 dezembro foi inaugurado em Foz do Iguaçu o primeiro Centro Integrado de Operações de Fronteira (Ciof), que segundo Rodrigues(2019) nasceu para atuar no enfrentamento ao crime organizado, principalmente na luta contra os ilícitos transfronteiriços, como o tráfico de drogas e armas, o financiamento ao terrorismo e a lavagem de dinheiro.

Consta que mais de 10 instituições de segurança pública atuariam no CIOF, com a possibilidade de acesso ao banco de dados, compartilhamento e troca de informações. No discurso de inauguração, o então Ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, afirmou que os países vizinhos também poderiam colaborar com as ações, destacando a cooperação positiva dos integrantes do Mercosul. O modelo do projeto tem como inspiração o centro comandado pela agência antidrogas estadunidense, Drug Enforcement Administration(DEA), na fronteira com o México, que foi visitado pelo ex-ministro. Em junho de 2019, o Diretor Geral da Polícia Federal (PF) assinou um Acordo de Cooperação Interinstitucional com o Centro de Inteligência El Paso, pertencente à DEA, com foco no compartilhamento voluntário de informações policiais.

A partir do funcionamento do CIOF, Rafael Zanatta e Maricarmen Sequera(2022)

delinearam como finalidade a centralização de informações provenientes de diversas fontes visando a integração de dados estratégicos, tecnologia, e a reunião física de agentes no mesmo ambiente. Localizado no Parque Tecnológico de Itaipu[4], abriga um espaço de 600 metros quadrados e engloba uma série de órgãos, entre eles a PF , a Polícia Rodoviária Federal (PRF), a Agência Nacional de Inteligência (Abin), o Ministério da Defesa, a Unidade de Inteligência Financeira (UIF), a Receita Federal, a Secretaria de Recuperação de Ativos e Cooperação Jurídica Internacional (DRCI) e o Departamento Penitenciário Nacional (Depen) (MJSP, 2019). Sua abrangência se estende a investigações nas regiões fronteiriças do Paraná e Mato Grosso do Sul, com ramificações em centros urbanos de grande porte, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e outras capitais.

É importante mencionar que já no ano 2018 ocorreu o estabelecimento do Centro Integrado de Inteligência de Segurança Pública - Regional Sul (CIISP-Sul) em Curitiba, Paraná, marcando os primeiros passos para a formulação de algo semelhante ao CIOF. Zanatta e Sequera (2022) contextualizam a cultura de integração de agências presente no Paraná, onde os diferentes agentes de segurança pública já possuíam um histórico de colaboração interinstitucional. Essa cultura de trabalho conjunto é atribuída à "necessidade de sobrevivência" das agências de segurança no estado, enfatizando a importância da confiança e cooperação entre a Polícia Civil, PRF, PM e outros órgãos.

Em análise sobre o combate ao crime organizado transnacional, Daniela Cristina Cavalcante(2023) entrevistou o Delegado da Polícia Federal e trabalhador do órgão para entender como funciona internamente.

> O papel principal hoje é entender, como o CIOF funciona, primeiro,o CIOF não é um Centro que opera como se fosse uma delegacia, nós não fazemos investigação de polícia judiciária. Nós não instauramos inquérito aqui, como na Polícia Federal e na Polícia Cívil, lá sim, você tem um crime, aí você instaura um inquérito, um negócio formal, aí você investiga e depois faz um relatório, que vai ser mandado no Ministério Público, vai virar uma ação penal ou não, nós não fazemos isso aqui. Nós trabalhamos aqui basicamente em três frentes, isso de maneira sendo didático. Isso não tá escrito em nenhum documento publicado, ainda, a gente tá trabalhando no documento, que vai ser o documento, que vai ser um documento assim, meio que uma diretriz do CIOF, aí estará escrito isso, mas por enquanto na prática é o que a gente faz hoje. Nós trabalhamos em três frentes, nós temos uma célula de inteligência, uma divisão de apoio e investigação e uma divisão de Operações Integradas (CAVALCANTE, p.85, 2023).

A partir da leitura da entrevista completa é possível concluir que a função das células de inteligência nas instituições de segurança pública são de apoio estratégico na

[4] A Itaipu, com interesses na segurança da região, contribuiu com uma área de 600 metros quadrados no PTI e investiu R$2,9 milhões em ferramentas tecnológicas para o projeto CIOF.

tomada de decisões. Essas células não são exclusivas de uma única entidade, mas estão presentes em diversas instituições, e produzem conhecimento estratégico, fornecendo informações e análises que auxiliam os representantes da instituição na formulação de políticas e na execução de operações.

Um exemplo concreto fornecido foi o caso de uma fuga em massa ocorrida em um presídio em 2020. Diante desse incidente o CIOF utilizou dados repassados por outras agências para identificar os fugitivos, um processo que envolveu a compilação e análise de informações, como nomes, datas de nascimento e características físicas, para tentar verificar a identidade das pessoas que escaparam. Embora nem todos tenham sido identificados, o trabalho resultou na elaboração de um relatório compartilhado com diversas agências interessadas, contribuindo assim para os esforços de recaptura e prevenção de futuras fugas.

Em comparação com os modelos estadunidenses em que foram inspirados, o Guia de Compreensão Preparatória sobre Fusion Centers e Centros de Coordenação de Operações de Emergência (CPG) oferece uma visão clara da função essencial de um Fusion Center no processo de inteligência. Ele é definido como um ciclo, compreendendo etapas desde o planejamento e direção até a reavaliação. Isso inclui coleta de informações, processamento e agrupamento, análise, produção e disseminação de dados brutos transformados em produtos de inteligência (ZANATTA; SEQUERA, 2022). O relato do delegado à Cavalcante(2023) mostra como os dados também fazem parte de um aspecto fundamental da experiência, cada instituição tem seu próprio pessoal e sistemas de dados separados e ali são mais acessíveis no compartilhamento.

Os acontecimentos citados e os contexto em que aconteceram no ano de 2019 demonstram foi de mudanças significativas na relação Tríplice Fronteira e Estados Unidos. O alinhamento político dos líderes de Estado e a apropriação da história para medidas de segurança no presente findaram em mudanças no tratamento da segurança na região. No próximo capítulo estão discussões metodológicas importantes sobre a securitização e história de sua construção na Escola de Copenhague, bem como o processo de análise de discurso necessário para analisar os textos noticiosos selecionados

CAPÍTULO 2. SEGURANÇA INTERNACIONAL

Neste capítulo discute-se como a segurança internacional passou de predominantemente militar, focada em armas nucleares e nas ameaças da durante a Guerra Fria, para uma agenda mais ampla que inclui preocupações econômicas, ambientais, sociais e alimentares. Nela está o construtivismo, onde o movimento de securitização é um processo que promove narrativas a fim de justificar ações de segurança extremas. A audiência é convencida por um ator securitizador, que aqui neste trabalho é parte da grande mídia estadunidense. As notícias analisadas pela ótica da securitização e a construção de discursos em 2019 nos permite compreender como foi retratada a Tríplice Fronteira.

A mídia está inserida como ator securitizador atuando como porta-voz dos interesses dos Estados Unidos, ainda que por vezes o jornalismo como prática profissional tenha atuado por desmascarar identidades superiores criadas a partir do ocidente. Nas operações discursivas observadas nos textos se repetem narrativas já conhecidas sobre essa fronteira, ainda que existam diferenças de abordagens e semelhanças na estrutura de cada veículo. A busca a partir do termo “tri border area” foi realizada no The Wall Street Journal (WST), The New York Times(NYT), The Washington Post(TWP) e USA Today(UST), os critérios para focar em NYT e TWP estão no fim deste capítulo com algumas considerações sobre a construção do corpus.

2.1 Segurança e construtivismo crítico

Refletindo sobre a evolução dos Estudos de Segurança Internacional, Buzan e Hansen (2012) discutem o termo “segurança” ao longo das décadas de 1970 e 1980 e argumentam que durante esse período transacionou de ser apenas uma questão militar e de defesa nacional para se tornar um conceito mais amplo, incluindo preocupações como meio ambiente, justiça social e controle de armamentos. Hoje essa amplitude continua, com questões ambientais e sociais cada vez mais graves e a crescente eclosão de mais conflitos armados. O conceito de Segurança Comum, criado pela Comissão Palme em 1982, foi fundamental para a mudança de perspectiva, pois conectou preocupações com o controle de armamentos a questões mais amplas de qualidade de vida em todo o mundo.

Nos anos 80 a abordagem do Controle de Armamentos, por exemplo, buscou reduzir as tensões entre os Estados por meio da limitação das armas nucleares, principalmente entre a União Soviética e os Estados Unidos. Já as abordagens do Feminismo e do

Pós-estruturalismo, embora também tenham raízes na Pesquisa da Paz positiva, assumiram direções distintas que geraram debates em torno da possibilidade de transformação das dinâmicas realistas entre Estados, da questão da estabilidade doméstica e das diferentes epistemologias a serem adotadas.

As cinco forças motrizes que moldam a estrutura social que afeta os ESI são poder material, conhecimento, eventos, construções sociais existentes e dinâmica organizacional e de riqueza (BUZAN; HANSEN, 2012). Essas forças devem ser utilizadas para destacar temas-chave que explicam a evolução dos ESI. Embora todas as forças sejam importantes, algumas podem ser mais significativas em períodos e abordagens específicas. As cinco não são facilmente separáveis e não pertencem a categorias mutuamente excludentes.

Nas políticas das grandes potências exemplos são a ascensão do Partido Comunista Chinês em 1949 na China e a evolução para ser a questão central como o único "par concorrente" dos Estados Unidos a partir de meados dos anos 1990(BUZAN; HANSEN, 2012). A força motriz abrange a distribuição de poder entre os Estados líderes, os padrões de "amizade e inimizade", o grau de envolvimento e intervencionismo das grandes potências e suas disposições societais específicas para os níveis de segurança. Órgãos como o antigo “3+1” colocam diretamente a Tríplice Fronteira alinhada à grande potência americana por um período consolidado até as mudanças do nome em 2019.

Dada a importância dos efeitos dos ataques de 11 de Setembro, os agentes políticos norte-americanos e muitos analistas de segurança passaram a definir o início de uma nova era em que o poder dessa potência apenas se cristaliza. Contudo, na América do Sul a presença da China, estabelecendo-se com forte influência econômica e tecnológica, insere a região em novas disputas globais, complexificando os tratamentos de segurança. Para moradores da TF fica mais evidente essas presenças com as bandeiras das mais diferentes nações espalhadas pela cidade, forte presença cultural de etnias, especialmente na culinária oriental, e diálogos em línguas variadas nas interações sociais da fronteira.

A ideia de uma nova era nos ESI é contestada pelo fato de que as preocupações tradicionais sobre a política das grandes potências e as tecnologias permanecem fortes e independentes. A ascensão da China e a reivindicação da multipolaridade podem ser vistas como um obstáculo ao unilateralismo norte-americano, além de contínuas divergências no chamado Ocidente como as políticas da GGCT no Oriente Médio que acentuaram as diferenças entre Europa e Estados Unidos. É nesse contexto de novas disputas deflagradas que novos processos de securitização se desenvolvem potencializados pelo contexto de guerras na Europa, África e Oriente Médio.

É importante citar ressalvas feitas por Buzan e Wæver(1998) que a expansão indiscriminada do conceito de segurança para além da esfera estatal foi uma tendência preocupante, levando à diluição de seu significado. Enquanto a segurança nacional possui um referente formalizado e uma base sólida na literatura e, na prática, a noção genérica de "segurança" aplicada a diversas áreas carece de clareza e precisão conceitual. Essa falta de estrutura conceitual robusta dificulta a análise e a aplicação prática do termo, muitas vezes relegando sua compreensão ao contexto estatal em vez de uma reflexão direta.

> Essas observações apontam para uma questão mais geral: É uma boa ideia enquadrar o máximo possível de problemas em termos de segurança? Tal estratégia não apresenta a perspectiva negativa, em sentido metafórico, de militarizar nosso pensamento e ver problemas em termos de ameaça-vulnerabilidade-defesa, quando existem boas razões para não tratá-los de acordo com essa fórmula? O uso do slogan "segurança ambiental" é tentador, porque é uma maneira eficaz de dramatizar os problemas ambientais. No longo prazo, no entanto, as práticas resultantes do slogan podem levar a uma construção social inadequada do meio ambiente, como um problema de ameaça/defesa. Podemos achar mais construtivo, em vez disso, tematizar o problema em termos de uma conexão economia-ecologia, onde as decisões estão realmente interligadas(Buzan, Waever e Wilde, 1998, p.51).[5]

A conceituação tradicional de segurança tende a colocar o Estado como o principal objeto de referência, negligenciando as sociedades que compõem esse Estado. Outra conceptualização, na qual se insere essa pesquisa, propõe dualidade entre segurança estatal e societal: a estatal vinculada à soberania do Estado e a sociedade relacionada à identidade das sociedades. Ambas são fundamentais para a sobrevivência, pois um Estado que perde sua soberania ou uma sociedade que perde sua identidade enfrenta uma ameaça existencial.

Assim, essa abordagem reconhece dois centros organizadores, Estado e sociedade, que influenciam não apenas a segurança nacional, mas também a segurança internacional e individual. Essa descrição é semelhante àquela realizada por Buzan e Hansen (2012) que enfatizam a compreensão da segurança internacional ainda influenciada por conceitos como estratégia, dissuasão, contenção, humanitarismo, poder, soberania, identidade, paz, risco e exceção. É um erro, portanto olhar para o campo de forma homogênea, uma vez que as críticas devem ser incorporadas para uma compreensão mais abrangente.

A concepção objetiva e subjetiva de segurança foi delineada por um dos primeiros

---

[5] Tradução do autor para: “These observations point back toward a more general question: Is it a good idea to frame as many problems as possible in terms of security? Does not such a strategy present the negative prospect of, in a metaphorical sense, militarizing our thinking and seeing problems in terms of threat-vulnerability-defense, when there are good reasons for not treating them according to this formula?51 Use of the slogan "environmental security" is tempting, because it is an effective way of dramatizing environmental problems. In the longer run, however, the practices resulting from the slogan might lead to an inappropriate social construction of the environment, as a threat/defense problem. We might find it more constructive, instead, to thematize the problem in terms of an economy-ecology nexus, where decisions are actually interlinked”

textos clássicos de ESI, "National Security as an Ambiguous Symbol", de Wolfers (1952). A segurança, em um sentido objetivo, mede a ausência de ameaças a valores adquiridos, enquanto em um sentido subjetivo, mede a ausência do medo de que tais valores sejam atacados. As avaliações subjetivas desempenham um papel inevitável nas estimativas dos Estados e, embora as abordagens subjetivas tenham integrado concepções que reconhecem as percepções, é importante notar que continua ligada a uma questão objetiva.

A visão subjetiva de segurança pode ser uma reflexão mais ou menos precisa da objetiva medida por capacidades materiais ou ameaças concretas. São caminhos paralelos onde outros gatilhos são trazidos tais como as sensações de medo e do terror na efetivação de ações com uso de força. Alguns formatos de cobertura televisiva sensacionalistas são exemplos de produtos midiáticos que reforçam a subjetividade de sentimentos amedrontadores na cobertura de segurança pública, eles estão presentes ainda hoje na América Latina, inclusive no lado brasileiro da Tríplice Fronteira e têm estruturas construídas há décadas.

Os debates intra-ampliadores nos anos 1990 e 2000 foram caracterizados pelo rápido crescimento de classificações que identificavam uma distinta perspectiva ampliadora-aprofundadora. Isso incluiu o Construtivismo, que mais tarde se dividiu em convencional e crítico, a Segurança Humana, o Pós-colonialismo, os Estudos Críticos de Segurança e a Escola de Copenhague, além do Pós-estruturalismo e do Feminismo. Essas abordagens se fortaleceram pelo fato de que muitos discursos de mídia e políticas em muitos países e contextos globais articulavam uma agenda de segurança mais ampla. Essas articulações continuaram e se fortaleceram no próprio discurso, com relação aos Estados Unidos como política de Estado, independente de qual partido político está na gestão.

> Qualquer fato que venha acontecer, é mais provável que a agenda Bitura dos ESI se reforce, absorvendo as forças da sua ampliação e de seu aprofundamento, ganhos a tanto custo, do que forçar um retorno ao mundo limitado dos Estudos Estratégicos da Guerra Fria. Durante suas primeiras décadas, as pressões da estratégia da Guerra Fria denotavam que os ESI eram altamente forçados para a conjuntura do setor militar e, consequentemente , não desenvolviam nada que chegasse perto do estilo completo de potencial do tema central da segurança, que era seu conceito constitutivo. A partir dos anos 1970 e dos anos 1980, isso começou a mudar e, agora, começamos a ver a completa gama e diversidade do que o conceito de segurança pode fazer por meio de uma miríade de assuntos e abordagens. Os ESI percorreram um longo caminho nos últimos sessenta anos e, nas décadas vindouras, não temos dúvida deque permanecerão um campo de estudos vivaz e argumentativo. E continuarão a se desenvolver não apenas acompanhando os novos interesses de segurança, mas também desenvolvendo novas maneiras de se pensar sobre eles(BUZAN; HANSEN, 2012, p. 408).

A Escola de Copenhague sustenta que a segurança é um ato de fala e que, ao

falarmos em "segurança", um representante estatal declara uma condição de emergência, reivindicando o direito de utilizar quaisquer meios necessários para barrar um desenvolvimento ameaçador. A GGCT promovida pelos Estados Unidos é um grande objeto dessa perspectiva desde 2001, observar as adaptações do discurso 20 anos depois pode identificar quais elementos já foram consolidados, se perpetuam e projetam necessidades de ações estatais. As abordagens discursivas defendem que não pode ter definições em termos objetivos e que, portanto, tanto as concepções objetivas quanto as subjetivas são enganosas.

Enquanto o Construtivismo norte-americano se desenvolveu a partir do debate entre o racionalismo e o reflexivismo, sem relação similar com as abordagens normativas anteriores, nesse contexto ele se bifurcou em um ramo convencional e um crítico, sendo que o último com afinidades nos antigos temas onde se encaixam as reflexões abordadas neste trabalho. Gilberto Sarfati (2005) caracteriza o Construtivismo em contraste com as perspectivas tradicionais das RI e enfatiza a importância da convivência social na formação dos interesses dos Estados. Enquanto as abordagens tradicionais sugerem que os Estados possuem interesses fixos e pré-existentes, construtivistas argumentam que esses interesses são construídos ao longo do tempo por meio das interações sociais.

A proposição de Wendt(1992) posiciona o Estado sendo a principal unidade de análise das RI, com identidades e interesses moldados por estruturas sociais intersubjetivas em vez de serem determinados pela natureza humana ou por questões políticas domésticas. Ao considerar a segurança internacional compartilha-se de um Estado-centrismo próximo à visão realista, embora enfatize a importância das interações sociais na formação das percepções de segurança e ameaça. É claro, sem ignorar o papel da socialização entre os Estados. A ideia de que as ameaças sociais são construídas, e não naturais, destaca a importância das interações interpessoais na percepção mútua entre os Estados. Dentro da lógica construtivista, o comportamento cooperativo de um Estado pode influenciar o comportamento cooperativo de outros, que por sua vez podem quebrar ciclos negativos de identidade e iniciar ciclos positivos de cooperação. Isso é algo que pode ser visto a partir da delimitação dos limites da Tríplice Fronteira e as relações entre os três países que continuam amadurecendo desde o auge do seu fortalecimento na segunda metade do século XX.

Essa dinâmica é exemplificada no “sucesso do processo de integração europeu que, a partir da década de 1950, logrou modificar a autopercepção de franceses, ingleses e alemães e a percepção de uns em relação aos outros” (SARFATI, 2005, p. 264). A mudança de identidade dos Estados requer uma razão para repensar a si próprio em novos termos, ela pode advir de mudanças sociais e a percepção dos custos internacionais e benefícios da

mudança de papel, que podem ser influenciados pelas sanções e recompensas de outros Estados. Afinal, a falta de conhecimento mútuo entre duas partes não implica automaticamente na percepção de ameaça existencial, ao contrário, é por meio das interações e da interpretação dos sinais que as ameaças são construídas.

A utilização de armas químicas durante a Segunda Guerra Mundial é exemplo para observar essa perspectiva. Inicialmente esteve ligada à constituição de nações "civilizadas" e "não civilizadas", os ditos civilizados consideravam as armas químicas moralmente abomináveis ao mesmo tempo em que a sua própria "civilidade" -construída- os permitiu utilizar armas químicas contra povos "não civilizados" (BUZAN; HANSEN, 2012, p. 297). É evidente a utilização do discurso para blindagem das ações de potências para com países periféricos, esse fato assim como diversos outros relevantes para RI tem desenhos distintos a partir do ponto de enunciação discursiva. Ou seja, dependendo de quem fala e com quais interesses. A evolução das normas internacionais também se relaciona com a questão da moralidade, uma vez que o assassinato de líderes políticos e militares não é considerado apropriado, mesmo que possa ser efetivo, fácil de se operacionalizar e uma alternativa moralmente preferível a se iniciar uma guerra contra todo um exército ou população.

Embora existam semelhanças entre o Construtivismo crítico e o Pós-estruturalismo os construtivistas críticos examinam geralmente os jogos de linguagem ou as narrativas a partir de uma perspectiva lógica, ou hipotética, e não empírica, como fazem os pós-estruturalistas. A concepção da identidade é levemente mais construtivista do que pós-estruturalista, para o primeiro grupo a identidade é algo que um Estado, ou outros, possui e que ele define e busca explicitamente. Os construtivistas críticos geralmente estabelecem identidades com base em palavras ou conceitos explícitos encontrados nos textos analisados, enquanto os pós traçam o modo como esses termos se ligam a identidades mais enraizadas.

É importante ressaltar que ontologicamente o construtivismo compartilha com outras teorias pós-positivistas a compreensão de que as RI são constituídas por ideias, não por condições materiais empiricamente testáveis. No entanto, epistemologicamente se alinha com as teorias positivistas, buscando explicações no campo e aderindo ao realismo científico ao considerar que o mundo existe independentemente dos seres humanos e que as teorias científicas devem se referir a esse mundo, mesmo que não seja diretamente observável.

Alvo de muitas críticas e questionamentos ao longo dos anos, a ênfase da escola na importância do discurso e da linguagem na construção da segurança e da identidade estatal é uma contribuição que muito vale para o campo. Além disso, seu engajamento crítico com o papel do Estado e sua relação com a segurança e a identidade é um ponto de partida

importante para uma reflexão mais profunda sobre o tema. Em última análise, a Escola de Copenhague nos desafia a repensar como entendemos e abordamos a segurança internacional e suas implicações políticas e normativas.

2.2 A securitização

Já temos nítido que os conceitos de segurança não são fixos ou estáticos, estão em constante evolução e adaptação ao longo do tempo em resposta às mudanças nas ameaças e nas percepções de atores internacionais e da sociedade civil. A partir desse contexto, Buzan, Waever e Wilde(1998) definem o movimento de securitização como sendo um processo complexo no qual uma determinada questão é transformada em uma ameaça existencial que demanda uma resposta extraordinária e imediata. Implicando assim na mudança do âmbito político convencional para o domínio securitário. A efetivação traz o uso da força e a suspensão dos procedimentos políticos regulares sendo justificáveis para a audiência devido às concepções criadas previamente.

Essa securitização é essencialmente um caminho social e discursivo, no qual os atores políticos constroem a realidade para elevar a questão à categoria de máxima prioridade legitimando a adoção de medidas excepcionais. Não se trata apenas de uma característica intrínseca em uma questão, mas sim atribuição de significado que ocorre por meio de interações e negociações políticas. Ocorre quando atores mobilizam-se para falar em nome da segurança, reivindicando autoridade e legitimidade. Isso implica na construção de narrativas e discursos que retratam a ameaça direta à existência e identidade de um ator securitizador.

A dimensão performativa é central dos atores e a importância do poder discursivo na construção política. Diferentes setores podem ter interesses divergentes na definição e na resolução de questões de segurança, essa abordagem nos convida a analisar criticamente, questionando quem se beneficia e quem é prejudicado por determinadas construções de urgência. Além disso, reitera que a segurança não é um estado fixo a ser alcançado, mas uma condição socialmente construída e contestada, sujeita a negociações e lutas políticas.

A securitização bem-sucedida delimita três componentes integrais: ameaças existenciais, imperativos de resposta de emergência e o impacto consequente nas relações interunidades por meio do desvio de normas (BUZAN; WÆVER; E WILDE, 1998). A estrutura retórica distinta empregada, caracterizada pelo apelo de sobrevivência e a ação imediata para evitar consequências catastróficas, a definição se estende além dos limites dos domínios militares-políticos tradicionais fornecendo uma estrutura conceitual para identificar

imperativos de segurança em setores diversos. Ao focar na interação entre urgência, ação e perigo existencial, essa metodologia oferece ferramentas analíticas para discernir preocupações emergentes de segurança e atores, mesmo em arenas onde o discurso de segurança pode não ser prontamente aparente.

Um olhar a respeito da securitização na Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai foi relatado por Isabelle Christine Somma de Castro (2020), em The Securitization of the Tri-Border Area between Argentina, Brazil and Paraguay, que explica a designação da área a partir de março de 1996. A ligação entre o atentado da AMIA e a Tríplice Fronteira emerge como uma suposição na investigação dos trágicos eventos ocorridos em Buenos Aires, o Ministro do Interior da Argentina, Carlos Corach, trouxe à tona essa conexão dois anos após o último ataque. Possivelmente como uma estratégia para mitigar críticas sobre a inação do governo frente ao caso. A argumentação, apoiada por evidências de contrabando de explosivos pela fronteira brasileira entre Foz do Iguaçu e Puerto Iguazu, na Argentina, levanta questões complexas sobre a segurança e a cooperação regional.

Em 2015 Alberto Nisman, chefe do Ministério Público argentino, denunciou um suposto plano do governo de conceder imunidade a autoridades iranianas suspeitas de envolvimento nos ataques. O estudo de Castro (2020) lança luz sobre os detalhes dessa investigação, evidenciando a tentativa de ligação entre os ataques e a TF através de chamadas telefônicas feitas por suspeitos para números registrados em Foz do Iguaçu. Essas revelações destacam a importância atribuída à região não apenas pelos governos envolvidos, mas também pela comunidade internacional.

Um caso anterior, de 1970, ocorreu quando dois homens armados invadiram a Embaixada de Israel em Assunção, capital do Paraguai. O jornal brasileiro O Estado de S. Paulo publicou um artigo relacionando os moradores árabes da fronteira ao incidente, entretanto a justiça paraguaia não encontrou evidências do envolvimento no ataque. Foram presos dois criminosos palestinos que haviam vindo do Reino Unido (CASTRO, 2020). O texto jornalístico se torna manifestação externa do discurso securitizador pela credibilidade atribuída ao Estado de S. Paulo, uma das primeiras condições na securitização.

Para Buzan, Waever e Wilde(1998), o capital social empregado pelo enunciador, ou ator de securitização, desempenha um papel crucial, embora essa autoridade não precise ser estritamente formal. Outra premissa é que a presença de uma ameaça perceptível aumenta a eficácia da securitização, pois certos objetos ou fenômenos evocam intrinsecamente apreensão e catalisam o processo. A Tríplice Fronteira em suas riquezas advindas de culturas de diferentes origens vivendo em conjunto, com grande movimentação de turismo e comércio,

é focalizada na mídia pela união entre as acusações de presença de crime transnacional e terrorismo.

Ao dissecar as condições externas em autoridade e fatores relacionados à ameaça, emerge a compreensão abrangente das condições facilitadoras da securitização. Estas incluem o imperativo de aderir à gramática da segurança dentro no discurso, as dinâmicas de autoridade entre atores e a audiência, e os aspectos salientes das ameaças presumidas que podem tanto acelerar quanto dificultar o movimento securitizador. É indispensável considerar quem está falando e para quem estão falando, assim como não desconsiderar quem escuta e o que interpreta a partir do que está escutando.

A abordagem da securitização como prática social ressalta a dimensão contestada da segurança, reconhecendo que esse processo não ocorre de forma unidirecional e determinística. Pelo contrário, é um campo de luta política no qual diferentes grupos possuem interesses e perspectivas divergentes, está sujeita a negociações, contestações e resistências. Além disso, ressalta-se a importância do contexto e da historicidade na análise, as práticas e discursos de segurança são moldados por ambientes políticos, culturais e históricos específicos. Uma análise aprofundada da securitização deve levar em consideração a natureza contingente e dependente do contexto, que implica compreender as dinâmicas sociais, históricas e políticas que influenciam a percepção e a construção das ameaças, bem como as respostas adotadas para enfrentá-las. Nesse sentido, o Capítulo I tem considerações sobre a história da Tríplice Fronteira e o papel atribuído a ela na agenda internacional.

Propõe-se aqui enfatizar o papel especialmente dos veículos de mídia tradicionais como atores os detentores do poder de definir quais questões devem ser consideradas perigosas, quem são os inimigos e quais são as respostas apropriadas. São mobilizados recursos discursivos e simbólicos para legitimar suas reivindicações e estabelecem os limites “aceitáveis", restringindo a gama de respostas possíveis, cria-se artificialmente um consenso social com o jornalismo em torno da necessidade de ações excepcionais.

Os veículos de comunicação atuam como propagadores de discursos por meio das escolhas feitas por jornalistas e empresas de mídia, ao noticiar os jornais optam pelo que consideram mais notável, em muitos casos atuando como porta-vozes de interesses privados e de propaganda dos Estados. Uma análise de episódios mais recentes no município de Foz do Iguaçu apresenta linguagem sensacionalista e de apelo às instituições de segurança através do programa televisivo Tribuna da Massa. A exibição focaliza as temáticas relacionadas à segurança pública com mediações que fazem a população sentir medo, é criticado por sensacionalismo, excesso de violência e notícias falsas e lembrado por mostrar ocorrências,

mortes, assaltos e apreensões no município (SILVA, 2021). É comum os relatos de habitantes das cidades da região se referirem a Foz do Iguaçu como um local perigoso e conhecido por casos envolvendo contrabando de drogas, homicídios e a atuação de grandes operações de polícia.

Até o momento da publicação do trabalho nenhum indivíduo residente ou com histórico na Tríplice Fronteira foi indiciado, ou identificado como suspeito em relação a terrorismo. Contudo, a repetição das acusações promovendo crenças sem provas por diversos atores representa uma profunda ação interseccional entre retórica, semiótica e dinâmicas de poder. Fazer análise a partir disso implica em decifrar quando um argumento, estruturado com requinte retórico, consegue transcender fronteiras convencionais, compelindo uma audiência a tolerar desvios de normas e regulamentos estabelecidos. Em essência, o cerne da securitização reside no movimento de um ator afirmar o perigo iminente à existência coletiva e convencendo a audiência para justificar medidas extraordinárias o convencimento da audiência(BUZAN; WÆVER; E WILDE, 1998).

Vale relembrar que o discurso em torno da segurança na Tríplice Fronteira impulsionado pelos Estados Unidos pode ser considerado o interesse estadunidense no Oriente Médio espelhado na América do Sul. A observação do Country Reports on Terrorism feita por Castro(2020) demonstra a demanda do Congresso Nacional dos EUA por informações precisas sobre atividades terroristas no exterior que visam a TF. Tal exigência visava subsidiar o debate parlamentar sobre estratégias de segurança e acabam por assumir um caráter de declaração ou mesmo uma avaliação da administração americana sobre o desempenho de outros países no combate ao terrorismo. Logo, não apenas informam, mas também influenciam as agendas de segurança nacional, refletindo a perspectiva e as prioridades da Casa Branca.

2.3 Coleta e análise de discursos

A mídia e o jornalismo como atores constituintes e construtores de discursos não são simplesmente matérias de linguagem, mas sim um agrupamento de significados e significantes: “O que é produzido, o que circula e o que produz efeitos em uma sociedade são sempre discursos” (VERÓN, 2004, p.61). O discurso é reconhecido como o lugar do trabalho produtivo de sentido e sua importância desafia a concepção instrumental da linguística. A análise dos discursos se baseia então na identificação e reconstrução das operações discursivas que estão presentes na superfície textual.

Embora haja uma sobreposição parcial de interesse entre os linguistas e os analistas dos discursos em relação às operações discursivas, Verón (2014) ressalta que o linguista não necessariamente considera essas operações em relação às condições sociais de produção ou leitura do texto, mas sim como invariantes que se referem à gramática de uma determinada língua. As marcas presentes na superfície discursiva podem ser interpretadas como traços das operações discursivas subjacentes, que remetem às condições de produção do discurso. Essas operações não são diretamente visíveis na superfície textual e sua reconstrução ou postulação é necessária para compreender a relação com marcas observadas.

O modelo de uma operação discursiva é composto por três elementos: um operador, um operando e a relação entre ambos. Essa estrutura, representada como “XRy”, descreve a dinâmica das operações discursivas e sua contribuição para a construção de sentido.

> Um mesmo tipo de marca, em contextos discursivos diferentes, pode assumir operações diferentes (pode ser o operador de operações diferentes). O artigo definido, por exemplo, que muitas vezes é o operador de uma relação anafórica, quando se trata de um título da imprensa informativa (que anuncia uma ‘notícia’), não produz anáfora no caso de uma expressão genérica que serve de título”(VERÓN, 2004, p.67).

Entende-se que ao fazer a análise são buscadas diferenças, desvios interdiscursivos, somos instigados a identificar, na superfície discursiva, os traços das condições de produção e reconhecimento de um texto. De maneira que, como analistas, não podemos ser considerados meros consumidores. Não se trata apenas de adicionar uma massa de informações externas à descrição das operações discursivas visando "interpretar" o que é encontrado no corpus. Ao observarmos o texto em sua especificidade, identificamos os sinais deixados pelas condições de produção, circulação e consumo, nos permite então compreender as relações de poder e as ideologias presentes, a análise se trata de compreender como elas se conectam com o contexto mais amplo em que são produzidas.

Além das ferramentas de análise proporcionadas pela Escola de Copenhagen e de discursos de Verón, o percurso metodológico envolve os níveis de coleta e análise dos dados compreendidos em atualização da lógica da cadeia documental de Claire Guinchat e Michel Menou(1994). São quatro estágios estratégicos: a) conhecimento b) busca das notícias por meio de palavras-chave c) sistematização de notícias e d) análise das matérias(SILVA, SILVEIRA, 2019). Fazemos uma leitura diferente, porque se faz por meio de métodos e postulados diretamente aplicados no objeto analisado, que no caso desta pesquisa se relaciona com a circulação e as condições de produção relacionados à Tríplice Fronteira.

Ao investigar propriedades e efeitos, busca-se compreender como o sentido é construído e circula em uma determinada economia discursiva. Essa abordagem vai além do estudo linguístico tradicional, pois considera aspectos sociais e contextuais que influenciam a produção e interpretação de discursos nas mais diferentes realidades. Afinal quais os sentidos por trás das enunciações em sociedade? É uma das lentes na leitura do corpus desta pesquisa.

Para fazer a busca das notícias nesta pesquisa restringe-se à imprensa on-line, considerando que mesmo dentro desse meio lidamos com um universo altamente articulado. Dentre os critérios considerados como necessários para comparabilidade estão a periodicidade, responsável por influenciar parcialmente os gêneros, os quais geralmente desempenham funções predominantes, "a combinação desses critérios (periodicidade, gênero e função predominante) já nos permite situar um objeto um pouco mais preciso" (VERÓN, 2004, p.92). Os jornais com edições impressas e digitais têm publicações em intervalos de horas e minutos, nem todos os textos disponíveis na internet estão nas páginas impressas.

Durante a crise do modelo de negócio das grandes empresas de jornalismo, em 2022 apenas quatro jornais estadunidenses ultrapassaram a marca de 100 mil exemplares impressos diariamente. Embora essa pesquisa foque em notícias on-line, esse dado é importante para destacar a relevância desses veículos em 2019. A estrutura necessária para impressão é muito mais complexa que a manutenção apenas na internet, mas o acesso do público é uma variável, nesse sentido os veículos observados estão entres os 20 sites mais visitados para notícias nos Estados Unidos (MAJID, 2024).

Inicialmente os quatro de maior tiragem foram selecionados para análise, são também os únicos com mais de 100 mil exemplares diários, destacando-se o WST, com 697 mil exemplares, e NYT, com 329 mil (TURVILL, 2022). O segundo já publicou reportagens citando a Tríplice Fronteira no contexto do 11 de setembro de 2021 nos Estados Unidos e se referiu à região com a expressão *tri border area*. Os veículos de terceiro e quarto lugar no ranking foram o UST, 159.233 mil, e o TWP, 159.040 mil. Como as ferramentas de pesquisa do UST não permitiram encontrar resultados de nenhuma notícia de 2019, e nem citando a TF foi encontrada no WSJ, os jornais analisados foram NYT e TWP.

O The New York Times é um dos jornais mais influentes do mundo, até 2023 recebeu 123 Prêmios Pulitzer, reconhecimento de excelência em jornalismo criado nos EUA. O jornal foi fundado por Henry Jarvis Raymond e George Jones, tendo a primeira edição publicada em 18 de setembro de 1851, e ganhou destaque por sua cobertura extensa em uma variedade de tópicos, incluindo política, cultura, ciência, tecnologia e segurança. Além da versão impressa, o NYT também mantém uma forte presença online que começou a ser

construída em 1996, oferecendo conteúdo digital por meio de assinaturas digitais e aplicativos. Atualmente são mais de 400 milhões de visitas mensais ao site nytimes.com.

Nas eleições presidenciais de 2016 a cobertura do veículo sobre e-mails da então candidata Hillary Clinton foi importante para o debate político estadunidense. Durante a eleição e o governo Trump, o jornal passou a ser alvo do presidente em diversos discursos descrito por ele como inimigos dos Estados Unidos. Em 2017 o lançamento do podcast The Daily foi considerado um novo passo que os posiciona entre os mais escutados diariamente no país, durante a pandemia do Covid 19 o número de ouvintes cresceu ainda mais. Os episódios do podcast foram checados durante o mês de julho e dezembro de 2019 e nenhuma menção à Tríplice Fronteira foi escutada.

O The Washington Post é um jornal norte-americano fundado em 1877 por Stilson Hutchins, um ex-deputado republicano, e tem sede em Washington, DC. É conhecido por sua cobertura política, jornalismo investigativo e diversidade de seções, abrangendo notícias locais, nacionais, opinião, negócios, entre outros temas. Inicialmente era conhecido como The Washington Post and Times Herald, após a fusão com o The Washington Daily Times. Foi somente em 1971 que o jornal mudou seu nome para o atual, nesta mesma época destacou-se pela investigação do escândalo Watergate.

O site do TWP foi criado em 1996 e teve alterações em 1999 com adaptações até uma versão definitiva com cores e fotos padronizadas. Em 2013 o veículo foi comprado por 250 milhões dólares pelo empresário Jeff Bezos, conhecido por fundar a empresa de comércio eletrônico Amazon e estar sempre entre as listas de pessoas mais ricas do mundo. São em média 120 milhões de acessos mensais ao washingtonpost.com, se posicionando entre os 10 links para notícias mais acessados nos Estados Unidos. Em outubro de 2019 o governo Trump passou a não veicular mais cópias dos jornais nos órgãos federais e cancelou as inscrições tanto do TWP quanto do acusando-os de serem “fake”.

Retornando ao processo de busca das notícias, inicialmente a palavra-chave para pesquisa em cada site foi “tri-border area”, termo já mencionado em publicações de anos anteriores para se referir à Tríplice Fronteira. Os 14 dias após inauguração do CIOF foram considerados primeiramente para observar o noticiário, que também precedeu o ano de impacto global da pandemia de COVID-19. Apenas NYT e WSJ permitiram busca específica de meses no site oficial, no TWP em meio a textos de vários anos.

No WSJ a busca foi realizada no espaço “search” com configurações avançadas em “Advanced Search”. Foi possível selecionar 10 seções de conteúdo: WSJ Articles, WSJ Videos, WSJ Site Research, Newswire Articles, WSJ Podcast, WSJ Blogs, WSJ Graphics,

Press Releases, WSJ Pro Articles e WSJ Live Coverage. Com todas as selecionadas, nos outros filtros com "Encontre páginas por" em "ou", não "e", e "Ordenar pôr" em "data" em vez de "relevância". O primeiro recorte temporal pesquisado foi de 16 de dezembro a 31 de janeiro de 2019, o resultado foi 222 links. Com o NYT a pesquisa na data delimitada e resultou em 53 resultados, a ferramenta permite organizar por seções com as opções Briefing, Business, New York, Opinion, Podcasts, Reader Center, Real Estate, Sports, U.S. e World, ou Type. Outro filtro foi selecionar Any, Article e Interactive. A ordem de exibição das notícias pode ser exibida pela relevância, mais atual e mais antiga. Nenhum texto mencionando a Tríplice Fronteira tanto no NYT quanto no WSJ no mês de dezembro.

A busca de notícias no TWP resultou em 394 links de diferentes anos, foram encontradas quatro notícias de 2019 e duas mencionaram um dos países que integram a Tríplice Fronteira: A Argentina designa o Hezbollah como uma organização terrorista no 25º aniversário do atentado, e Pompeo foca no Irã e no Hezbollah em conferência de contraterrorismo na América Latina[6], ambas publicadas em julho. Como a primeira notícia encontrada usando o termo referente ao TF fora do mês de inauguração do CIOF, foi necessário ampliar o recorte temporal. Não mais o período da inauguração do centro, mas sim julho, aniversário de 25 anos do atentado da AMIA. Ainda que seja quatro meses antes, faz parte também do contexto inaugurativo, pois construiu identidades sobre segurança e a TF.

No NYT foi encontrado apenas um texto citando com “tri-border area” dentre os 134 resultados de pesquisa referente a julho, “Argentina designa o Hezbollah como grupo terrorista no 25º aniversário do bombardeio”[7], publicada na mesma data da notícia já selecionada do TWP. No WSJ foram 554 links e, ainda que notícias a respeito dos 25 anos do atentado e da visita do Secretário de Estado dos Estados Unidos na América Latina tenham sido publicadas, nenhuma citou a Tríplice Fronteira. Por esse motivo o jornal com mais unidades diárias publicadas não foi analisado, o que não significa que o veículo não colabora de forma indireta no movimento de securitização.

Para poder fazer a leitura de todas elas foi realizada a assinatura de cada veículo, uma vez que o acesso gratuito é limitado. O espaço de publicação deixou de ser “data da postagem”, uma vez que na análise das notícias percebeu-se que as informações do momento em que foram publicadas variam entre hora, dia, mês, ano e local. Os textos recolhidos foram exportados em formato PDF para cristalizar a base de dados, todas elas foram nomeadas com

[6] Tradução do autor para: Argentina designates Hezbollah a terrorist organization on 25th anniversary of bombing e Pompeo focuses on Iran and Hezbollah at Latin America counterterrorism conference

[7] Tradução do autor para: Argentina Designates Hezbollah Terrorist Group on 25th Anniversary of Bombing

o número que as representa na tabela de notícias, o jornal onde foi publicada e a manchete. As notícias completas estão disponíveis nos Anexos e na Tabela 1 estão informações relevantes sobre cada texto analisado.

A busca específica por notícias usando o termo "tri-border area" revelou escassez de cobertura sobre a região no noticiário estadunidense, especialmente nos jornais selecionados em 2019. A ausência de menções levanta questões sobre a abrangência da cobertura jornalística, ainda que com a mudança na busca tenham sido encontrados resultados também, porém ligados a uma perspectiva já conhecida. Para entender melhor esse contexto e igualar o número de notícias, um texto publicado no NYT sem citar a Tríplice Fronteira é a única publicação em julho que também aborda a efeméride argentina. Está na seção opinião, contrastando com as outras publicações de jornalistas ligados ao veículo, mostrando outra superfície discursiva que revela as escolhas do que é permitido ser publicado.

Tabela 1 - Notícias observadas

	Jornal	Editoria	Título da notícia	Publicação	Autoria	Link de acesso
	The Washington Post	NATIONAL SECURITY	Argentina designates Hezbollah a terrorist organization on 25th anniversary of bombing	July 18, 2019 at 8:51 p.m.	Karen DeYoung	https://www.washingtonpost.com/national-security/argentina-designates-hezbollah-a-terrorist-organization-on-25th-anniversary-of-bombing/2019/07/18/6a225568-a98f-11e9-86dd-d7f0e60391e9_story.html
	The New York Times	World	Argentina Designates Hezbollah Terrorist Group on 25th Anniversary of Bombing	July 18, 2019	Daniel Politi	https://www.nytimes.com/2019/07/18/world/americas/argentina-hezbollah-terrorist-group.html?searchResultPosition=29
	The New York Times	OPINION	85 Were Murdered in an Attack on Jews. They Deserve Justice.	July 18, 2019	Avi Weiss	https://www.nytimes.com/2019/07/18/opinion/justice-argentina-bombing.html?searchResultPosition=13
	The	NATIONAL	Pompeo focuses on Iran and	July 19, 2019	Karen	https://www.w

	Washington Post	SECURITY	Hezbollah at Latin America counterterrorism conference	at 6:35 p.m.	DeYoung	ashingtonpost.com/national-security/pompeo-focuses-on-iran-and-hezbollah-at-latin-america-counterterrorism-conference/2019/07/19/2c14c36a-aa65-11e9-9214-246e594de5d5_story.html

Fontes: The Washington Post(2019) e The New York Times(2019)

Diante da complexidade dos tratamentos na agenda internacional torna-se evidente que a construção da ideia de segurança é um processo dinâmico e multifacetado. Nos ESI a análise da securitização revela não apenas a interconexão entre atores políticos e mídia na definição das ameaças percebidas, mas também ressalta a importância da historicidade e do contexto nas análises. A compreensão das operações discursivas permite uma leitura mais profunda e contextualizada desses eventos, revelando as estratégias e táticas empregadas nos movimentos securitizadores. No próximo capítulo, a partir dos textos selecionados, está a análise partindo de uma avaliação crítica da representatividade e abrangência da mídia estadunidense sobre questões de segurança e geopolítica.

CAPÍTULO 3. TRÍPLICE FRONTEIRA NOS JORNAIS

No presente capítulo está a análise de notícias selecionadas com intuito de compreender as abordagens e perspectivas adotadas em relação à identidade da “tri border area”. A partir de comparações dessas matérias se buscou identificar diferenças e semelhanças nos enfoques jornalísticos, argumentos apresentados nas ênfases atribuídas pelos diversos autores ao abordar a Tríplice Fronteira. É possível dizer que o tema de relevância internacional destacado em julho de 2019 é o aniversário de 25 anos do atentado à Associação Israelita Mutual Argentina em 1994, os discursos se alinham na designação do Hezbollah como grupo terrorista por parte da Argentina.

A inauguração do CIOF não recebeu a atenção esperada, indicando que o órgão não atendeu às expectativas de segurança, apesar das novas ferramentas implementadas. Os jornais retrataram a Tríplice Fronteira como área propícia a atividades ilegais e ao financiamento do terrorismo. A repetição dessas alegações décadas após o atentados, mesmo sem evidências concretas, reforça a narrativa de ameaça. Essa retórica, promovida pelo governo dos EUA e amplificada pela mídia estadunidense, perpetua percepções de insegurança baseadas em discursos sem provas.

3.1 Análise das notícias

A notícia publicada pelo TWP antes da realização da conferência em Buenos Aires indica para a editoria “Segurança Nacional” e tem título “Argentina designa o Hezbollah como uma organização terrorista no 25º aniversário do bombardeio”. No texto a presença do Hezbollah na Tríplice Fronteira é dada como certa, a dúvida seria com relação à atuação na Venezuela: “além da região trinacional desses três países, acredita-se que o Hezbollah também tenha presença na Venezuela.”(DEYOUNG, 2019). A frase indica que está consolidada para os leitores a relação Tríplice Fronteira com Hezbollah e que a informação nova é a presença em território venezuelano. Fica nisso mesmo, não são desenvolvidas discussões aprofundadas sobre nenhuma das suposições.

Em seguida, uma menção direta ao Secretário de Estado dos Estados Unidos da época, Mike Pompeo:

> Em um tweet enviado a bordo de seu avião a caminho de Buenos Aires, Pompeo chamou o anúncio da Argentina de um passo importante para cortar a “capacidade do Hezbollah de planejar ataques terroristas. O mundo está reconhecendo o Hezbollah pelo que ele é — um proxy terrorista da República Islâmica do Irã.”(DEYOUNG, 2019)

Vale destacar essa menção a publicação da internet já que é se tornou comum a noticiabilidade a partir das redes sociais, os conteúdos da internet chegam a pautar veículos de comunicação tradicionais. Seja por muito alcance, interações entre contas de representantes de Estado e publicação de planos, é algo para se ter em mente em pesquisas futuras. Nesse caso, deixa ainda mais escancarada a posição da mídia no movimento de securitização como porta-vozes dos discursos advindos de políticos e seus interesses. Nesta notícia nenhuma informação nova foi apresentada com o que foi publicado e a menção acaba por apenas propagandear as ações do Estado estadunidense.

A foto que ilustra a capa é de uma manifestação pelos 25 anos do atentado onde diversas pessoas aparecem segurando fotos das vítimas em preto e branco, contudo no texto o tema com mais número de parágrafos é a designação do Hezbollah como terrorista. A TF é citada já no terceiro trecho, e o atentado de 1994 é abordado em sequência de três parágrafos, nota-se que a fronteira está de forma lateral no texto e é citada para localizar geograficamente o suposto perigo. Na organização da página o uso de "tri-border area" está nas descrições sobre ações de Hezbollah sem justificar uso do termo, logo veremos que o NYT variou na nomeação da região trinacional.

A frase "cumprindo um dos objetivos do Secretário de Estado Mike Pompeo durante uma turnê de quatro dias na América Latina"[8], no primeiro parágrafo do texto, tem destaque e significado importante. Os Estados Unidos teriam esperança de que o Brasil e o Paraguai adotassem medida semelhante à da Argentina no evento em julho, mas não aconteceu. Depois ressalta-se a designação como a primeira vez por parte de um país latino americano, parágrafo isolado dizendo: "A designação é a primeira na América Latina, uma parte do mundo onde o Hezbollah tem atuado há várias décadas."(DEYOUNG, 2019). Nenhuma fonte direta citada, apenas a afirmação no texto de inserindo o grupo na região.

O encontro em Buenos Aires reuniu 18 países representados, mas na notícia são citados apenas quatro, Argentina, Brasil, Paraguai e Venezuela. A menção de "esperança" da administração Trump de que os países seguissem o exemplo da Argentina faz parte do movimento de securitização do próprio jornal. Isso expande os horizontes de novas metas dos Estados Unidos em sua política para o Oriente Médio transplantada para a Tríplice Fronteira. O momento político de alinhamento dos países pareceu propício para o alinhamento nas ações de maneira imediata, ainda mais em função da efeméride do atentado.

[8] Tradução própria do autor para: fulfilling one of Secretary of State Mike Pompeo's goals during a four-day tour in Latin America.

O Paraguai viria a tomar essa atitude em agosto, inserindo o Hamas também como grupo terrorista e afirmando através da inteligência que o Hezbollah também teria envolvimento com o PCC. Indo mais além, o presidente paraguaio também passou a definir o Estado Islâmico e a Al-Qaeda como organizações terroristas globais. O Brasil até hoje não seguiu o mesmo caminho, embora Bolsonaro tenha mencionado que o faria numa entrevista em agosto de 2019. Na época, o ex-presidente brasileiro mencionou ter informes da presença do Hezbollah na Tríplice Fronteira sem apresentar evidências.

Denota-se mudança com relação à ligação da TF com os atos nos anos 90, já vista em outras análises de notícias, para a presença do grupo como verdade. Um texto não tão extenso que também cumpre o papel de ser manchete compartilhável em redes sociais, seja dos políticos envolvidos e seus seguidores ou outras pessoas interessadas em confirmar seu viés ideológico. A jornalista que escreveu essa matéria chama-se Karen DeYoung e é editora associada e correspondente sênior de segurança nacional do TWP.

Além de falas de presidentes, a única fonte de entrevista apresentada é um "alto funcionário do Departamento de Estado" sem nenhum tipo de identificação. Essa total falta de fontes que não fazem parte do governo dos EUA ilustram a cobertura da região totalmente baseada em fontes da administração Trump. A Tríplice Fronteira não tem voz própria e continua ancorada como alvo da guerra ao terror dentro das operações discursivas apresentadas nessa publicação do TWP. Importante relembrar que esse conteúdo foi publicado antes da conferência realizada em Buenos Aires.

No texto são sete menções derivadas de terrorism, em cinco delas relacionando o termo com Hezbollah, duas de "counterterrorism". Nas falas de Pompeo e de um funcionário sênior do Departamento de Estado, o "contraterrorismo" é necessário e por isso a importância da reunião de 18 estados para "proteger o hemisfério". A abordagem colabora com a ideia de colaboração internacional para prevenção, ascendendo alerta para o público estadunidense e demonstrando as ações governamentais para proteção.

O Hezbollah é mencionado oito vezes e a relação com o Irã, é destacado com a frase sozinha na página que tanto o Irã quanto o Hezbollah negaram envolvimento. Esse destaque mostra um pequeno espaço de resposta dos mencionados. Metade das vezes em que o grupo foi mencionado estavam num contexto de citação da Tríplice Fronteira, uma no parágrafo anterior, outra no parágrafo da menção e duas no seguinte. As fontes que dão tom em toda essa parte do discurso são o Presidente e Secretário de Estado dos Estados Unidos.

O número de vezes que se usou terrorism/Hezbollah em comparação ao número total de parágrafos, 12, demonstra exagero do jornal em relacionar com uma região que nunca

teve atentados nem presos por envolvimento em atos terroristas. O movimento securitizador se mostra contínuo, ditado pelo Estado e assumido acriticamente pelos veículos de jornalismo, mesmo em contexto de enfrentamentos e disputas dos grandes veículos de mídia como a Casa Branca trumpista.

Tabela 2 – Menções TWP 1

Hezbollah	Terrorism
Hezbollah a terrorist	terrorist organization
Hezbollah a terrorist	terrorist organization
where Hezbollah	counterterrorism
Hezbollah is also believed	terrorist attacks
cutting off Hezbollah's	terrorist proxy
Hezbollah continues	terrorist incident
carried out by Hezbollah e Both Iran and Hezbollah	scourge of terrorism

Fonte: The Washington Post(2019)

A notícia do NYT que cita a TF é "Argentina Designa o Hezbollah como Grupo Terrorista no 25º Aniversário do Atentado"[9], na editoria World(Mundo) e chapéu[10] Middle East Crisis. São utilizadas falas de Nathan A. Sales, apresentado pelo jornal como coordenador do Departamento de Estado para o combate ao terrorismo, onde se refere a essa fronteira num fórum em Washington: "avaliamos que parte do planejamento do atentado à AMIA ocorreu lá"(POLITI, 2019). Indicar que houve organização do ataque a partir da fronteira sugere não só a mera presença física, mas a estruturação de inteligência suficiente para atuar em outros ambientes, esse espaço é tratado como ponto de partida.

O que segue a citação são suposições de que a região tem sido utilizada pelo Hezbollah para atividades ilícitas, incluindo o planejamento de ataques terroristas: "O clã opera na porosa região trinacional onde Argentina, Brasil e Paraguai se encontram, uma área vista como um centro de atividades ilegais, incluindo o financiamento do terrorismo"(POLITI, 2019)[11]. Nenhum fato novo foi apresentado, nenhuma prova das

[9] Tradução do autor para: Argentina Designa o Hezbollah como Grupo Terrorista no 25º Aniversário do Atentado

[10] No jornalismo, o termo "chapéu" geralmente se refere ao título principal ou de destaque de uma matéria, artigo ou reportagem em um jornal, ou revista. É o título mais proeminente, geralmente posicionado na parte superior da página ou da seção, destinado a atrair a atenção do leitor e resumir o conteúdo da história.

[11] Tradução do autor para: The clan operates from the porous tri-border region where Argentina, Brazil and Paraguay meet, an area seen as a hub for illegal activity, including terrorism financing

afirmações e majoritariamente fontes de Estado quando se trata da Tríplice Fronteira, como Unidade de Informação Financeira, da Argentina, o coordenador de contraterrorismo e relatórios do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

O texto relata que o governo argentino designou o Hezbollah como uma organização terrorista e congelou ativos financeiros do grupo em meio ao contexto do 25º aniversário do atentado. O jornal afirma que foi um dos piores crimes antissemitas desde a Segunda Guerra Mundial e que a designação como terrorista ocorreu um dia antes da visita do Secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo. A conferência regional sobre o combate ao terrorismo em Buenos Aires foi citada bem discursos dos representantes estadunidenses. No site está a informação de que uma versão do artigo foi para a edição impressa de Nova York, em 19 de julho de 2019, na página 6. Isso reforça a importância dada pelo veículo ao tema, uma vez que nem todos os conteúdos feitos para a internet vão para o impresso.

Na reportagem temos uma variação de “tri border area” para “porous tri border”, demonstra nova dimensão da identidade nominal da região. Em vez de se concentrar no que as pessoas desejam comunicar conscientemente com uma palavra, a atenção é direcionada para como essa palavra é utilizada na sociedade. Nessa região, a primeira expressão ressalta a fronteira entre três países como área própria e na segunda como fronteira trinacional porosa, que é difícil de controlar ou monitorar rigorosamente. Mesmo sem casos de terrorismo envolvendo a TF, a referência a ela se torna de mais alerta, bem como pode indicar a generalização de sua área para um espaço de porosidade compartilhado entre outras fronteiras, na visão dos Estados Unidos.

Toda fronteira no mundo tem sua porosidade, mas a referência nesse caso está em contexto de descrição do Hezbollah como apoiado pelo Irã e associado a atividades terroristas na região. Tomando proveito dessa característica fronteiriça, busca-se fortalecer a narrativa no movimento da securitização. O jornal informa que a Unidade de Informação Financeira da Argentina congelou ativos do “chamado Clã Barakat”, descrito como o canal mais direto com o grupo na região. Segundo o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, o líder do Clã seria Assad Ahmad Barakat e também já teria atuado como tesoureiro do grupo. Afirmação questionável se não os EUA teriam pedido a extradição dele, quando esteve preso no Paraguai em 2019 e 2020.

É bom lembrar que o Ahmed nunca foi preso por terrorismo ou por questões de financiamento, mas por tentar falsificar passaporte e por questões financeiras. Em 2021, o filho dele o defendeu em entrevista para o H2FOZ, um veículo on-line de Foz do Iguaçu, dizendo sobre o documento falso que “confissão foi a única forma de chegar a um acordo com

as autoridades daquele país, já que não têm provas contra meu pai e ele teria que ficar preso o tempo que eles quisessem"(BENETTA, 2021). Sobre a suposta lavagem de dinheiro em cassinos na Argentina, não existe acusação formal, nem provas, nem bens confiscados em nenhum dos países da Tríplice Fronteira e tampouco gravações do pai do entrevistado nos cassinos, segundo o relato.

A transcrição do áudio enviado ao jornalista na entrevista do filho de Assad Ahmad Barakat, onde ele faz defesa da comunidade árabe fronteiriça com origem libanesa, merece destaque. O recorte temporal usado por ele é de duas décadas e está em desencontro com o tempo da efeméride argentina porque se refere a 2001. A diferenciação da mentira para fake news se torna didática na compreensão da família que se coloca sendo alvo de falácias.

> A questão de mandar dinheiro segue o exemplo de brasileiros nos Estados Unidos, que trabalham lá e ajudam suas famílias no Brasil. Existem árabes que ajudam seus parentes no Líbano, é normal. Mas, por serem árabes, são acusados de financiamento de terrorismo, só pelo fato de serem muçulmanos. Um caso parecido de preconceito são as acusações que os brasileiros sofrem na Europa, de serem bandidos, e as mulheres brasileiras, prostitutas. É preconceito. Vale ressaltar a importância de provas. Na internet existem muitas publicações com títulos acusatórios, mas sem fundamento. São traduzidos e esse processo é repetido há muitos anos. O termo fake news é recente, existe uma conscientização disso na atualidade, mas minha família sofre disso há mais de 20 anos (BENETTA, 2021)

No fim da notícia, o autor Seth Jones é apresentado pelo jornal como especialista no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais em Washington. Ele argumenta que apesar do envolvimento do Hezbollah no tráfico de drogas na região, não há uma ameaça significativa do grupo para a América Latina. Diz também que o congelamento de ativos é mais um passo político do que financeiro e/ou para impacto em alguma organização paramilitar. Esse trecho, que parece de algum questionamento das ações do governo Trump, não menciona diretamente a Tríplice Fronteira, e representa apenas dois de um total de 20 parágrafos. Seria um espaço onde poderiam estar vozes sul-americanas, mas a decisão da fonte foi por um nacional dos Estados Unidos.

Mesmo apresentando alguma contestação no NYT, no geral os dois jornais se baseiam em fontes norte-americanas, especialmente do governo e de Think Tanks, para falar sobre a América Latina. Falta multiplicidade de vozes e até dos governos locais, no caso de citar a Tríplice Fronteira, apenas fontes argentinas foram mencionadas. Na segunda notícia do

TWP analisada é destacado o apoio interno do presidente da Associação Mutualista Judaica Argentina, celebrando a designação como um passo concreto na luta contra o terrorismo na região. A Tabela 3 nos ajuda a compreender essa seletividade de fontes e a falta do dissenso nas reportagens sobre a região.

Tabela 3 - Fontes das notícias

1-TWP	2-NYT	3-TWP
Secretário de Estado dos Estados Unidos Mike Pompeo	statement Treasury Department in Washington	Mike Pompeo
Administração Trump	Benjamin Gedan, Argentina expert at the Woodrow Wilson International Center for Scholars	Ariel Eichbaum, president of the Israel Argentine Mutual Association
Mauricio Macri	President Mauricio Macri	Zarif
Argentina	Ariel Eichbaum, the presidente of the Argentine Jewish Mutual Aid Association	
a senior State Department official	Judiciário argentino	
	Financial Information Unit, UIF, Argentina	
	Justice Minister Germán Garavano Argentina	
	The United States Treasury Department	
	Nathan A. Sales, the State Department's coordinator for counterterrorism	
	Seth Jones, Center for Strategic and International Studies in Washington	

Fontes: The Washington Post(2019) e The New York Times(2019)

Do título ao fim do texto do NYT são sete menções a partir da palavra terrorismo, uma a mais que no primeiro texto do TWP, e o Hezbollah foi citado 16 vezes. A quantidade grande de menções a terrorism/hezbolah em relação à quantidade de parágrafos apontam que, assim como nas notícias do início do anos 2000, o terrorismo continua uma preocupação constante e próximo do crime transnacional nos discursos jornalísticos. Mesmo a forma em que estão distribuídos na página on-line fazem com que os termos se mantenham no pano de fundo constantemente.

Tabela 4 - Menções NYT

Hezbollah	Terrorism
Hezbollah Terrorist	terrorist
Hezbollah and the Iranian	terrorist organization
Hezbollah a terrorist	counterterrorism
designation of Hezbollah	terrorist attacks
Western Hemisphere for Hezbollah	terrorist incident
designation of Hezbollah	scourge of terrorism
Hezbollah designation	
Argentina added Hezbollah	
Hezbollah continues to represent	
members of Hezbollah and the Iranian	
Hezbollah in the region	
for Hezbollah	
Hezbollah has taken advantage	
while Hezbollah has	
Hezbollah threat	

Fonte: The New York Times(2019)

O texto do NYT de opinião publicado no mês de julho sobre a efeméride é "Foram assassinados em um ataque contra judeus. Eles merecem justiça."[12]. O fato de ser uma publicação opinativa não necessariamente tira do veículo a responsabilidade do que está sendo dito, uma vez que a escolha do que publicar é também afetada por discursos. Essa seção é para autoridades, especialistas e até religiosos, escreverem enquanto convidados ou ao se oferecerem. Trata-se de um espaço nobre e com bastante visualizações que nesse caso foi mais crítica do que as matérias feitas pelos repórteres.

[12] Tradução do autor para: Were Murdered in an Attack on Jews. They Deserve Justice.

Em contraste com os discursos jornalísticos, percebe-se que a mídia tradicional segue a receita “Irã e Hezbollah” e esquece de apontar a falta de vontade política argentina para solucionar os crimes. No texto o autor insiste que os sucessivos governos argentinos falharam em colocar culpados atrás das grades e investigar de forma inequívoca os acusados. Essa crítica é também onde está a única citação sobre terrrismo:"Nos vinte e cinco anos desde o ataque, líder após líder argentino tentou encobrir a verdade sobre quem exatamente foi responsável por esse ato de terrorismo e quem no governo o apoiou[13]" (WEISS, 2019).

São reiteradas as suspeitas do envolvimento do Irã e do Hezbollah no atentado, citando as acusações feitas em 2006 pelo procurador especial Alberto Nisman. Quando se discute as influências internacionais, afirma-se que é "praticamente certo" que o Irã teve um papel no atentado e que o Hezbollah provavelmente o realizou. Isso sugere forte convicção na conexão entre o Irã, o Hezbollah e o atentado à AMIA, apesar de os iranianos negarem. As menções ao grupo estão duas vezes no mesmo parágrafo:

> Hoje, é praticamente certo que o Irã teve um papel no bombardeio e que seu representante, o Hezbollah, quase certamente o realizou. Essas acusações foram formalmente feitas em 2006 por um promotor especial honesto e corajoso, Alberto Nisman. Mas em 2015, ele foi assassinado no dia anterior a sua acusação contra a Sra. Kirchner e outros funcionários do governo por conduzirem um encobrimento, e para revelar informações sobre as ações assassinas tanto do Irã quanto do Hezbollah (WEISS, 2019)

Depois do texto, o jornal descreve o autor Avi Weiss, apresentado como um ativista em prol de causas judaicas e direitos humanos e rabino fundador do Instituto Hebraico de Riverdale. Nascido em Nova Iorque, traz de diferente com relação às outras matérias analisadas a reflexão que ao longo dos últimos 25 anos vários líderes argentinos teriam tentado encobrir a verdade sobre os responsáveis pelo atentado, além de quem no governo o teria apoiado. Não cita a Tríplice Fronteira, nem mesmo a palavra terrorismo com tanta frequência, o que mais uma vez escancara o movimento de securitização na voz de políticos e da grande mídia estadunidense comas suposições sem provas.

No fim da página comunica-se aos leitores a correção em uma versão anterior do artigo, reconhecendo erro na contagem do número de mortos no atentado que afirma incorretamente que todas as 85 vítimas eram judeus. O jornal também deixa uma mensagem reforçando o compromisso em publicar uma diversidade de cartas para o editor, incentivando leitores a compartilharem suas opiniões sobre os artigos. A nota fornece dicas sobre como

[13] Tradução do autor para: In the quarter-century since the attack, Argentine leader after leader has tried to cover up the truth of who exactly was responsible for this act of terrorism and who in the government abetted it

enviar cartas para o editor e também divulga os canais de mídia social do The New York Times Opinion Section.

A segunda notícia do TWP recolhida para análise foi “Pompeo concentra-se no Irã e no Hezbollah em conferência latino-americana sobre contra-terrorismo”, na editoria Segurança Nacional, publicada um dia após a reunião de líderes. Foi comunicado a respeito da Tríplice Fronteira no quarto parágrafo, onde estão menções ao discurso do ex-secretário de Estado dos EUA dizendo que estariam recrutando pessoas e financiamento lá. A sugestão é de preocupação com a expansão e influência do grupo fora do Oriente Médio, atingindo regiões distantes e a caminho da Venezuela.

> As raízes desses grupos terroristas podem estar a muitos quilômetros de distância, mas seus ramos se espalham pelo mundo — arrecadando fundos, buscando recrutas, sondando nossas fraquezas, desafiando nossas defesas,” disse Pompeo. Mas o “Hezbollah apoiado pelo Irã,” ele disse, é uma ameaça particular na América do Sul, onde tem mantido esforços ativos de arrecadação de fundos e recrutamento na área da tríplice fronteira de Argentina, Paraguai e Brasil, e na Venezuela. (DeYoung, 2019)

Em seguida, o texto fornece mais informações sobre a viagem de Pompeo. Foi a sexta para a região enquanto esteve no posto e teve encontros no Equador, México, El Salvador, na Argentina, incluindo a cúpula do Grupo dos 20, Chile, Paraguai, Colômbia e México. Acrescenta-se que a visita faz parte de um esforço conjunto para se reconectar com os parceiros no hemisfério e discutir contra-terrorismo no território latino-americano. Nada mais sobre a presença dos supostos terroristas.

Está destacado que o 25º aniversário do ataque de 1994 “coincidiu” com o encontro para discutir contraterrorismo, coincidência certamente planejada pelos organizadores. A foto de manchete mostra Pompeo no momento em que assinava um livro de visitas na sede da AMIA um dia após a data da efeméride. O que parece é que Pompeo veio à região só para falar de terrorismo, um assunto que não é prioritário na Argentina e nem aqui na região da Tríplice Fronteira.

Embora não tenham seguido as solicitações dos EUA, Brasil e Paraguai anunciaram a formação de um órgão entre esses países, Argentina e Estados Unidos, para combater atividades ilícitas. O Ministro das Relações Exteriores argentino, Jorge Faurie, é apresentado para anunciar um "mecanismo regional" buscando o enfrentamento de "atividades ilícitas... bem como possíveis ligações com o crime transnacional e o financiamento do terrorismo"(DEYOUNG,2019). Essa é uma informação nova para a autora com relação ao primeiro texto, o que possibilita dizer que a partir daquela viagem a efetivação desse plano voltou mais consolidada, até porque as aspas se referem a um discurso do

Secretário de Estado dos Estados Unidos.

No texto todo são oito menções a variáveis de terrorismo, sendo uma na manchete e no lide[14] mencionando a Conferência de contraterrorismo na América Latina. As quatro primeiras relacionando ao atentado na Argentina, e a última mencionando Brasil e Paraguai e a expectativa dos Estados Unidos de que eles seguissem a atitude de Buenos Aires. Em relação a outra notícia, da mesma autora, essa tem uma menção a mais. Já Hezbollah é citado sete vezes, três delas estão relacionando o grupo com o Irã no início, uma em parágrafo que destaca a América Latina como ignorada por Trump no primeiro ano de mandato e três falando da Argentina. A última está em contexto de elogio de Pompeo a Mauricio Macri por designar o grupo como terrorista.

Tabela 5 - Menções TWP 2

Hezbollah	terrorism
Iran and Hezbollah at Latin America	contraterrorismo
Iran and Hezbollah	contraterrorismo
Iran-backed Hezbollah	international terrorist group
Hezbollah's activities	worst terrorist assault
terrorist group Hezbollah	terrorist group
Hezbollah with responsibility e designated Hezbollah	terrorist organization
	financing of terrorism

Fonte: The Washington Post(2019)

3.2 Discutindo The New York Times e The Washington Post

É importante lembrar que primeiramente foram checadas notícias no contexto de inauguração do CIOF, em 16 de dezembro de 2019, e nenhuma menção à Tríplice Fronteira foi encontrada. O centro, portanto, não teve cobertura nos jornais selecionados no fim do ano. Um novo centro de combate a atividades ilícitas é mencionado nas notícias analisadas de junho, contudo, não parece ter semelhanças com os objetivos do Centro hoje já instalado em

[14] No jornalismo "lide" se refere ao primeiro parágrafo ou frase inicial de uma notícia

Foz do Iguaçu. Na verdade, está mais próximo de uma criação do próprio governo Trump no Golfo Pérsico que até então só foi constituído lá. A falta de noticiabilidade da inauguração em dezembro indica que esse órgão não atende às expectativas específicas dos agentes de securitização.

A segurança não é uma condição estática, mas sim um processo contínuo moldado por diversas perspectivas e contextos políticos em constante evolução. A análise de Buzan, Waever e Wilde (1998) dos eventos que culminaram nas revoluções de 1989 na Europa Central e oriental revelaram essa dinâmica. A capacidade de manter uma visão compartilhada do mundo entre as elites foi crucial para a estabilidade do regime, contudo, quando essa coesão se desintegrou, a habilidade de agir e impor a vontade do centro foi comprometida. Esse colapso de confiança e legitimidade lançou as bases para uma reavaliação fundamental das estruturas de poder, revelando as limitações do sistema de mitificação que antes sustentava a ordem política e influindo em novas emergências.

O processo de transição de ameaças para desafios, visando evitar a ativação de mecanismos de segurança extremos, desempenhou um papel crucial na manutenção do equilíbrio político em níveis tanto nacional quanto internacional. Esse esforço implica não apenas a redefinição do conceito de intervenção, mas também a busca por estratégias de interação e negociação que ampliassem limites. As novas realidades virtuais também reconfiguram lógicas intervencionistas, seja pela importância dos dados ou pelas mudanças significativas das interações de humanos com conteúdos na internet.

Apesar da importância do CIOF, os jornais estadunidenses analisados não deram uma linha sobre o assunto. A região ganhou novas ferramentas de segurança e mesmo assim continua o discurso de que não é segura e/ou precisa de mais ações de repressão e controle. Tem mais câmeras, mais investimento direto, tem mais policiais e nada muda na agenda do discurso midiático. O mecanismo citado nas notícias do TWP sinaliza atenção do veículo para futuras coberturas citando meramente a fronteira, sem de fato dar atenção ao tema de segurança na TF. A não noticiabilidade em dezembro evidencia o papel de porta-voz do Estado que a mídia assume, já que em julho a visita foi apenas para falar sobre terrorismo.

O espaço fronteiriço entre Argentina, Paraguai e Brasil é citado nas matérias como uma região onde o Hezbollah mantém atividades, o jornal TWP usando “tri border area” e o NYT “porous tri border”. No WSJ não foi encontrado texto citando-a. As observações dos jornais convergem na caracterização da Tríplice Fronteira como uma região permeável e propícia a atividades ilegais, incluindo o financiamento do terrorismo. Ambos os textos apontam sobre a necessidade de vigilância de terrorismo na área, descrevendo-a como

um centro de operações significativo para o grupo, alertando e construindo uma suposta identidade ameaçadora.

Segundo uma notícia publicada nesse mesmo contexto no WSJ, que não cita a Tríplice Fronteira, antes da conferência em Buenos Aires os Estados Unidos já tinham a proposta inspirada no Centro de Combate ao Financiamento do Terrorismo no Golfo Pérsico, inaugurado por Donald Trump na Arábia Saudita(MCBRIDE, 2019). No texto do TWP está destacada uma reunião bilateral de Pompeo com Mauricio Macri, onde isso poderia ter sido discutido, terminou com apoio público à agenda de reformas econômicas da Argentina. Refletindo o alinhamento que o ano de 2019 proporcionou entre políticos da direita nas Américas, isso poderia ter sido implantado, mas foi inaugurado o CIOF e não foi noticiado pelo jornal.

Há algumas diferenças sutis na forma como as informações são apresentadas e na ênfase dada a certos aspectos. O NYT destaca as ações específicas tomadas pelas autoridades argentinas para conter as atividades do que chamam de Clã Barakat representando o Hezbollah na região. Além disso, o artigo enfatiza o papel de Assad Ahmad Barakat como tesoureiro do Hezbollah, conforme declarado pelo Departamento do Tesouro dos Estados Unidos. Essa abordagem fornece detalhes específicos sobre as novas medidas tomadas pelas autoridades locais e a suposta ligação direta da região com o grupo libanes.

O capital social do NYT, um ator no movimento de securitização, ao noticiar contribui num esforço retórico importante com a condição de ameaça externa ao seu público, o mais interessante é a total falta de provas que corroborem as informações publicadas. Por outro lado, o TWP enfatiza a visão geral de ameaça na América do Sul, destacando a natureza global das ações representadas pelo Hezbollah e o suposto papel da região da Tríplice Fronteira nesse contexto. Sempre com fontes a partir dos Estados Unidos.

Ambos os artigos analisados mencionam a manutenção de esforços ativos de captação de recursos e recrutamento pelo Hezbollah na área, bem como a suposta presença na Venezuela. A ausência de aprofundamento na acusação e falta de provas também continua nos discursos sobre esse tema. Por isso é importante lembrar do que dizia Said(1979) sobre o orientalismo e sua construção complexa que permeia várias disciplinas, incluindo estudos estéticos, erudição, economia, sociologia, história e filologia. A perpetuação de determinados discursos apenas reflete uma distinção geográfica fundamental entre o Ocidente e o Oriente, e uma série de interesses que são criados e mantidos por estudos psicológicos, descrição sociológica e análise histórica.

Não se trata apenas de expressar o desejo de compreender o Oriente, mas também

de controlá-lo, manipulá-lo e até mesmo incorporá-lo. A abordagem ampla destaca o alcance global das atividades do Hezbollah e sua influência na região e é central para posicioná-la na agenda internacional a partir da representação do perigo iminente. Assim, movimentando o processo de securitização da região para com todo o planeta, onde se supõe que a segurança na Tríplice Fronteira tem o poder de influência sobre o bem-estar do mundo, ainda que nunca tenha ocorrido nenhum caso terrorista no local.

É importante lembrar que em contextos como o 11 de setembro de 2001 o jornalismo assume “papel legislativo de discriminar para a sociedade e o papel judiciário de emitir juízos, por meio de sua ação ordenadora a partir de um discurso situado, blindado por sua localização num centro” (SILVEIRA, 2018, p.39). As mediações do que é produzido centralmente chega na periferia e enfrenta visões diversas sobre o discurso produzido. Nesse caso, são veículos de mídia tradicionais num momento em que a internet dá poder de questionamento maior para determinadas audiências. Dentro desse processo não é incomum encontrar concordâncias entre nacionais de Paraguai, Argentina e Brasil quando se trata de restringir a passagem de pessoas e mercadorias. O contrário também ocorre, a reprovação a criação de fronteira com sentimento de medo dá espaço para a interculturalização como exemplo a ser observado.

A abordagem construtivista social pôde ser adotada para entender o processo pelo qual as questões se tornam securitizadas, indo além dos padrões de amizade e inimizade e reconhecendo que a construção de uma agenda de segurança envolve fatores sociais e construídos. Essa perspectiva ampla exige um foco mais sofisticado do que o realismo material objetivista, pois reconhece que a amizade e a inimizade entre atores são geradas por eles e não são simples reflexos de condições materiais. Portanto, ao adotar uma abordagem construtivista nesta pesquisa, foi possível compreender mais profundamente como as questões são securitizadas e como os atores constroem a segurança em níveis regionais e internacionais usando do espaço trinacional para criar alerta à toda a América Latina.

É importante estabelecer crítica à prática jornalística, já que, ao mesmo tempo que as mídias colaboram no movimento de securitização, elas também podem promover rupturas na imagem de atores políticos e impulsionar mudanças. Como no questionamento da dita identidade superior do Ocidente frente ao Iraque, abalada com a revelação das fotos de Abu Ghraib, em 2004, que mostrou a brutalidade dos carcereiros norte-americanos ao humilhar e torturar detentos iraquianos. Foi exposta à falha na formulação de segurança em conflitos armados e o escândalo forçou os formuladores de políticas e oficiais militares a explicar o evento, apresentaram o argumento de que eram "algumas maçãs podres". A análise crítica

revelou que não se tratava apenas de alguns poucos soldados "maus", mas sim de práticas institucionais e fiscalizações mais amplas que permitiram tais abusos.

As fotografias documentaram as ocorrências, mas também foram simultaneamente uma parte da tortura e humilhação. A dupla situação das fotos como evidência e sanção do abuso levou teóricos críticos a discutirem como o material visual pode ser utilizado para gerar resistência e quais são as implicações de torná-lo público. Com isso, a utilização da fotografia e outras formas de mídia torna-se cada vez mais relevante na análise de conflitos armados e de como a informação é compartilhada e consumida. Na securitização esse compartilhamento e consumo são partes posteriores à noticiabilidade midiática, as imagens também são ferramentas para criar ameaças e com o texto constroem identidades discursivas.

Como definiu Verón (2014), não se trata apenas de adicionar uma massa de informações externas à descrição das operações discursivas, visando "interpretar" o que é encontrado no corpus. Ao observarmos o texto em sua especificidade, identificamos as marcas deixadas pelas condições de produção, circulação e consumo, que nos permitem compreender as relações de poder e as ideologias presentes no discurso. No geral, enquanto algumas reportagens se concentram na designação do Hezbollah como uma organização terrorista e nas ações políticas decorrentes dessa medida, outras exploram aspectos mais relacionados ao ataque de 1994 e suas ramificações políticas e sociais, todas envolvendo lateralmente a Tríplice Fronteira.

No primeiro texto do TWP a ênfase recai sobre a designação do Hezbollah como organização terrorista, o congelamento de ativos e o contexto político envolvendo a administração Trump e suas relações com países da América Latina. Já o segundo texto do TWP foca nas ações do Secretário de Estado Mike Pompeo na conferência de contra-terrorismo na América Latina, mencionando a presença contínua de grupos terroristas internacionais e a formação de um "mecanismo regional" para combater o terrorismo. Nos dois casos o discurso é de presença consolidada do grupo.

Esse mecanismo noticiado em 2019, ou algo parecido com a ideia inicial, continua a ser possibilidade na administração de Joe Biden no ano de eleição contra Trump, é o que informa o Jornal GDia, de Foz do Iguaçu, com manchete: “Argentina sela acordo com CIA e Mossad contra o crime organizado na Tríplice Fronteira”. O início da notícia destaca um novo alinhamento aos Estados Unidos e a Israel e a foto disponível é de membros armados da Gendarmaria Nacional Argentina em um “centro de análise de inteligência criminal na Tríplice Fronteira”. O texto menciona Javier Milei, presidente em primeiro ano de

mandato, que promoveu reuniões já fazendo monitoramento com a CIA e Bundesnachrichtendienst(BND), a inteligência alemã. Como fonte, um professor de Relações Internacionais argentino e o Ministério da Segurança da Argentina reafirmaram a necessidade das ações porque durante anos teriam sido encontradas ligações com o Hezbollah. É a reprodução do discurso argentino em um jornal brasileiro no momento em que Lula governa o Brasil e a Argentina tem um presidente alinhado a Bolsonaro.

Castro(2020) aponta para um movimento securitizador atual que vai além do discurso e envolve elementos como acesso privilegiado a informações e a venda de serviços e tecnologias às nações que compartilham a fronteira tríplice. Informações do Country Reports on Terrorism de 2020 mostram que a indústria de defesa e vigilância de Israel tem forte atuação global, exportando bilhões em 2019, e com apoio do governo brasileiro a atividades de contraterrorismo e assistência técnica. Esses elementos sinalizam um rearranjo nas dinâmicas geopolíticas da região, influenciado pelos interesses e atuações dos agentes securitizadores, especialmente os EUA, que financia politicamente as posições do Estado israelense.

Essa notícia de 2024 demonstra o movimento de securitização e as novas realizações em níveis de construção. Enquanto o 11 de setembro impulsiona a TF na agenda internacional, no fim da década seguinte os jornais norte-americano já tratam a presença de terrorismo na Triplice Fronteira como algo concreto. As semelhanças das notícias analisadas mostram como diferentes veículos de comunicação abordam o mesmo evento sob diferentes perspectivas, mas compartilhando elementos comuns na narrativa. Nas diferenciações residem principalmente os enfoques adotados, que variam desde medidas políticas específicas até aspectos históricos, sociais e econômicos relacionados ao atentado e ao terrorismo. Apenas o texto de opinião do NYT aborda o atentado em si, repetindo alguns padrões, mas dando luz à falta de responsabilização dos culpados e as suspeitas de encobrimento por parte de líderes argentinos.

A cobertura jornalística do NYT e TWP em 2019 não se encaixou nas duas perspectivas demonstradas nos jornais brasileiros Folha de S.Paulo e O Globo, no período de 2011 a 2019(CASTRO, CARDONE, 2024). Uma vez que a TF como região de belezas naturais não apareceu, apenas o espaço do crime, do terrorismo e da falta de controle de segurança como ameaça. Cada produção discursiva pode ser entendida como um fenômeno de reconhecimento e uma gramática que se materializa na produção de sentido, logo os discursos produzem efeitos de sentido em diferentes contextos sociais, bem como o poder se manifesta de maneiras distintas em diferentes níveis do funcionamento social. A TF segue ligada ao

suposto terrorismo e ao crime transnacional, nada do turismo, por exemplo, que tanto está presente na economia dessa fronteira.

Castro e Cardone (2024) lembram que o enfoque nas ilegalidades não se mostrou estritamente relacionado a fatos específicos, com algumas exceções nos casos brasileiros. Em anos que precederam grandes eventos esportivos no Brasil, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016, ambas as publicações relataram a preocupação com a possibilidade de atentados terroristas. As diferenças anuais no volume de unidades textuais publicadas demonstram que o tema do terrorismo prevaleceu mesmo na ausência de eventos que justificaria a preocupação. A falta de fontes da sociedade civil nas notícias em relação às acusações contribui para a reprodução desse enquadramento, questão presente também nos jornais em inglês aqui analisados.

A relação com o Hezbollah se destacou e foi o único nome de organização que aparece na lista de 20 palavras principais dos dois jornais do Brasil. Foi mencionada devido à alegação de ter operadores na América do Sul e à responsabilidade atribuída pelos atentados em Buenos Aires e atividades ilegais nessa fronteira trinacional. Percebe-se que os discursos presentes nas fontes dos jornais estadunidenses já estavam sendo tematizados pela grande mídia brasileira e o destaque para o público norte-americano também.

Com relação às matérias desta pesquisa, em resumo abordam o contexto do atentado ocorrido em 1994 na Argentina, ressaltando sua importância histórica e o número de vítimas. Há menções sobre a designação do Hezbollah como uma organização terrorista, bem como a imposição de sanções contra membros do grupo. As reportagens destacam a presença do Secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, em eventos relacionados ao aniversário do ataque e às discussões sobre o combate ao terrorismo na América Latina. Uma visita para promover o medo sem pautas além da dita guerra ao terror e as abordagens jornalísticas de NYT e TWP que colabora com o movimento de securitização ligando a Tríplice Fronteira ao falarem dos atentados ocorridos há tanto tempo.

Said (1979) ressalta que é necessário reconhecer a importância da posição do sujeito humano em qualquer estudo, europeus ou americanos devem levar em consideração a realidade fundamental de que abordam o Oriente primeiro como europeu ou americano e, em segundo lugar, como indivíduo. Essa identidade não é passiva, mas envolve uma consciência, mesmo que vaga, de pertencer a uma potência com interesses específicos. Mesmo a posição de produção desta pesquisa a partir de uma universidade brasileira com caráter de integração latino-americana deve ser posta em perspectiva no sentido de contar sobre essa região a partir da mesma.

Existem diferentes abordagens e nuances com que os veículos de comunicação tratam a Tríplice Fronteira, e em 2019 o tema do atentado à AMIA em 1994 e suas consequências prevaleceu na agenda da mídia norte-americana. Essa diversidade de perspectivas demonstra a complexidade do assunto e a importância de uma análise crítica e contextualizada das informações veiculadas. Ao compreendermos essas diferentes narrativas, somos instigados a questionar e aprofundar nosso entendimento sobre os eventos históricos e seus desdobramentos, contribuindo para uma visão mais abrangente e informada dos acontecimentos.

Esses discursos jornalísticos mostram a complexidade e a controvérsia em torno das alegações de conexões terroristas na Tríplice Fronteira. A falta de evidências concretas e a disseminação de informações falsas destacam a importância de uma abordagem cautelosa e baseada em fatos. É fundamental evitar generalizações e estereótipos que possam estigmatizar uma comunidade ou região com base em suposições infundadas, assim a investigação e a avaliação objetivas se tornam ainda mais essenciais para compreensão precisa da dinâmica da segurança nessa área de fronteira.

Depois da análise das notícias, percebe-se como o governo dos EUA mobiliza uma suposta presença do Hezbollah na região em movimento securitizador, acompanhado de grandes veículos da mídia norte-americana. E de tanto repetir, a pelo menos 20 anos, vai virando verdade. O grupo nunca atuou na região nem houve gente presa por atuar com o grupo ali, então, por que o nome do Hezbollah aparece tanto? Seria uma tentativa de usar esse suposto fato para criar medo e dizer que existe uma ameaça que merece medidas extremas de contenção? Dentro do processo de constituição de identidades tem como separar o momento em que o discurso de segurança está tão fortalecido que se torna fixo, é o caso aqui. Perpetua-se o processo de securitização da fronteira para o público de leitores de veículos dos EUA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento histórico e as transformações na Tríplice Fronteira ao longo dos séculos XIX, XX e início do XXI, demonstram que essa região continua a ser um ponto focal de interesses globais, econômicos e de segurança internacional. As alegações de conexões com atividades terroristas, especialmente após os eventos de 11 de setembro de 2001, geraram preocupações tanto localmente quanto internacionalmente e, embora esforços tenham sido feitos para combater o crime na região, ainda persistem estigmas. É essencial adotar uma abordagem cautelosa e baseada em fatos, evitando generalizações e estereótipos que possam estigmatizar a região ou suas comunidades.

Uma das complexidades históricas, culturais e políticas da região é a presença árabe, a influência do orientalismo, conforme delineado por Edward Said, ressalta a importância de reconhecer a posição do sujeito humano na produção das ciências humanas. Especialmente quando se trata do estudo do Oriente por parte de europeus ou americanos, e também da América Latina. O conceito de "terrorismo" soma-se nessa discussão, pois é muitas vezes utilizado de forma ampla e contestável, refletindo uma mudança na percepção da segurança interna por parte do Estado. Conforme discutido nas perspectivas construtivistas, têm seus discursos ampliados pelo jornalismo que dá voz às propagações de representantes como o Secretário de Estado dos Estados Unidos.

Buzan, Waever e Wilde (1998) tratando a abordagem da securitização como prática social, continuam oferecendo uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a segurança, principalmente por desafiar as concepções tradicionais e objetivas. Ela nos convida à compreensão política e social que envolve relações de poder, interesses diversos e narrativas concorrentes. Essa metodologia amplia o escopo de análise, permitindo a consideração de fatores sociais, culturais e históricos que influenciam sua construção e percepção de identidade.

A busca e análise das notícias sobre a Tríplice Fronteira foram conduzidas com rigor metodológico, considerando a escolha dos meios de comunicação e os critérios de comparabilidade necessários. Ao restringir a pesquisa à imprensa online, é de se reconhecer as limitações desses meios e os desafios associados à variedade de gêneros e funções predominantes. Selecionar jornais relevantes como The New York Times e The Washington Post garantiu a análise dos discursos relacionados à região da Tríplice Fronteira, em julho e dezembro de 2019, caracterizados pela escassez de vozes além do Estado dos EUA.

Foram realizadas buscas nos sites dos veículos de comunicação inicialmente com

foco em dezembro, considerando-se que a inauguração do CIOF teria potencial de noticiabilidade entre os jornais estadunidenses, no entanto, não foram encontradas menções à "tri-border area". A inauguração não recebeu cobertura significativa, indicando que o órgão não atendeu às expectativas de securitização, apesar do aumento das ferramentas de segurança na região. Nos textos analisados que datam de julho, mês de efeméride de 25 anos do atentado à AMIA na Argentina, as menções de ações relacionadas ao Hezbollah na América Latina são ligadas à TF. Continua uma interseção complexa entre política, segurança nacional e diplomacia internacional, que perpetua a identidade de ameaça de forma mais intensa a partir do 11 de setembro de 2001.

Tanto TWP o NYT repetem conclusões e estigmas, incluindo a menção à suposta presença do Hezbollah na Tríplice Fronteira. É forte a citação do termo terrorismo como um alerta para inspirar medo, ainda que nunca tenha acontecido nenhum ato terrorista na região. Observa-se uma mudança na ligação da TF com atos nos anos 90, já que parece consolidada a percepção de sua associação com o Hezbollah como uma verdade aceita. Portanto, o movimento de securitização se demonstra tendo efetividade através da retratação pelos jornais dos EUA como envolvida nos atentados em Buenos Aires, um ponto de inteligência que operaria ações na América Latina desde a década de 90. Sem apresentar nenhuma evidência sobre a primeira suposição, a Venezuela se torna outro foco.

Nos textos são majoritariamente utilizadas fontes governamentais dos EUA, incluindo declarações de presidentes, no TWP um alto funcionário do Departamento de Estado não identificado, evidenciando a cobertura baseada na administração Trump. A região da Tríplice Fronteira não tem voz, permanecendo como alvo na guerra ao terror no episódio da conferência em Buenos Aires noticiada pelo veículo de Jeff Bezos. O tom do discurso na viagem já estava sendo divulgado pelo jornal, como um porta-voz governamental. Na notícia após a conferência, com Mike Pompeo, ex-secretário de Estado dos EUA, o jornal enfatiza o recrutamento e o financiamento pelo Hezbollah na região sem apresentar evidências concretas.

No NYT, as citações sugerem que o planejamento do ataque à AMIA envolveu a TF, implicando atividades ilícitas na região. Esse discurso securitizador, promovido pelo governo dos EUA e amplificado pela mídia, contribui para a construção de uma identidade ameaçadora. A análise demonstra como a mídia desempenha um papel crucial na perpetuação de percepções de insegurança, baseadas mais em retórica do que em provas substanciais. No caso da Tríplice Fronteira não existe de maneira autônoma, ela está sempre relacionada com o Irã, Hezbollah e atentados, é uma coadjuvante da grande narrativa em torno dos conflitos do

Oriente Médio e dos atos terroristas na Argentina.

Fazer análise discursiva da securitização é reconhecer que a construção de ameaças e respostas extraordinárias não são um processo neutro, mas sim permeado por relações de poder e interesses políticos. A compreensão das operações discursivas subjacentes aos discursos de segurança permite uma leitura mais profunda e contextualizada desses eventos, revelando as estratégias e táticas empregadas no movimento de securitização. Estamos em 2024 e nenhuma prova foi apresentada do envolvimento ou a promoção de terrorismo na Tríplice Fronteira, ou a partir dela, mas diversos representantes na opinião pública estadunidense, argentina, paraguaia e brasileira, continuam com isso consolidado em seus discursos.

Essas diferentes perspectivas dos jornais refletem não apenas as nuances da situação geopolítica na América Latina, mas também as estratégias e interesses variados dos veículos de mídia e dos atores políticos envolvidos. O uso da variação "tri border area" para "porous tri border" sublinha a dificuldade de controle rigoroso dessa região e pode apontar novas formas de se referir a essa fronteira na língua inglesa. A Tríplice Fronteira permanece um campo fértil para pesquisas futuras e uma área de interesse contínuo para acadêmicos, formuladores de políticas e líderes internacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Emanuel. *O construtivismo no estudo das relações internacionais*. Lua Nova: revista de cultura e política, p. 201-246, 1999.

AGUILAR, S. L. C. *O Terrorismo e as Relações Internacionais. Relações internacionais: polaridades e novos/velhos temas emergentes*. Marília: Oficina Universitária, 2010. p. 93-110.

BENETTA, C. Dalla. *Filho de Assad Barakat diz que acusações contra o pai são sem provas. "Puro preconceito"*. H2FOZ, 10 de abril de 2021. Disponível em: https://www.h2foz.com.br/geral/filho-de-assad-barakat-diz-que-acusacoes-contra-o-pai-sao-sem-provas-puro-preconceito/. Acesso em: 08 de abril de 2024.

BUZAN, Barry. *Rethinking security after the Cold War. In: National and International Security*. Routledge, 2018. p. 329-352.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. *A evolução dos estudos de segurança internacional*. São Paulo: UNESP, 2012.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole; DE WILDE, Jaap. *Security: A new framework for analysis*. Lynne Rienner Publishers, 1998.

CAVALCANTE, Daniela Cristina. *Crime Organizado Transnacional: Organizações Criminosas e Contrabando na região da Tríplice Fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2023.

CARNEIRO FILHO, Camilo Pereira. *Fronteiras irmãs: transfronteirizações na Bacia do Prata*. Porto Alegre: Ideograf, 2016.

CARNEIRO FILHO, Camilo Pereira. *Tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai: transfronteirização através do crime*. Relações Internacionais no Mundo Atual, Curitiba, v. 2, n. 16, p. 84-101, 2012.

CASTRO, Isabelle Christine Somma de. *Contestando a Guerra ao Terror: as respostas brasileiras às suspeitas de terrorismo*. Em: SILVA, M. A.; CASTRO, I. C. S. (Orgs.). Além dos limites: a Tríplice Fronteira nas relações internacionais contemporâneas. São Paulo: Alameda, 2021. p. 61-95.

CASTRO, Isabelle Christine Somma de. *The securitization of the tri-border area between Argentina, Brazil and Paraguay*. Contexto internacional, v. 42, p. 539-567, 2020.

CASTRO, Isabelle Christine Somma de; CARDONE, Ignacio Javier. *Limites na mídia: a representação da Tríplice Fronteira nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo (2011-2019)*. Opinião Pública, v. 29, p. 724-760, 2024.

CHIANI, Ana María. *Nueva perspectiva de política pública fronteriza: el comité de integração Foz-Puerto Iguazú*. Em: SILVA, M. A.; CASTRO, I. C. S. (Orgs.). Além dos limites: Tríplice Fronteira nas relações internacionais contemporâneas. São Paulo: Alameda, 2021. p. 203-242.

DEYOUNG, Karen. *Argentina designates Hezbollah a terrorist organization on 25th anniversary of bombing*. Washington Post, 18 de julho de 2019, 20h51. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/national-security/argentina-designates-hezbollah-a-terrorist-organization-on-25th-anniversary-of-bombing/2019/07/18/6a225568-a98f-11e9-86dd-d7f0e60391e9_story.html. Acesso em: 04 de abril de 2024.

DEYOUNG, Karen. *Pompeo focuses on Iran and Hezbollah at Latin America counterterrorism conference*. Washington Post, 19 de julho de 2019, 18h35. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/national-security/pompeo-focuses-on-iran-and-hezbollah-at-latin-america-counterterrorism-conference/2019/07/19/2c14c36a-aa65-11e9-9214-246e594de5d5_story.html. Acesso em: 04 de abril de 2024.

DO AMARAL, Arthur Bernardes. *A tríplice fronteira e a Guerra ao Terror*. Apicuri, 2010.

GIMENEZ, Heloisa M. et al. *A Tríplice Fronteira como região: Dimensões Internacionais*. São Paulo. Cadernos Prolam/USP, v. 17, n. 33, p. 148-167, jul./dez. 2018.

GOMES, Ciro. *Projeto Nacional: o dever da esperança*. São Paulo. Leya Brasil, 2020.

GUINCHAT, Claire; MENOU, Michael. *Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação*. Brasília: Ibict, 1994.

HOBSBAWM, Eric. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. Presença, 2008.

MAJID, Aisha. *Top 50 news websites in the US: People, USA Today and New York Times see double-digit annual growth*. Press Gazette, 2024. Disponível em: https://pressgazette.co.uk/media-audience-and-business-data/media_metrics/most-popular-websites-news-us-monthly-3/. Acesso em: 13 de março de 2024.

MCBRIDE, Courtney. *U.S. Sanctions Hezbollah Operative for Role in 1994 Bombing in Argentina*. Wall Street Journal, 19 de julho de 2019. Disponível em: https://www.wsj.com/articles/u-s-sanctions-hezbollah-operative-for-role-in-1994-bombing-in-argentina-11563552225?mod= . Acesso em: 08 de abril de 2024.

NEVES, Pedro Dias Mangolini et al. *Tríplice fronteira: Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazu*. Revista Interface (Porto Nacional), n. 10, 2015.

POLITI, Daniel. *Argentina Designates Hezbollah Terrorist Group on 25th Anniversary of Bombing*. New York Times, 18 de julho de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/07/18/world/americas/argentina-hezbollah-terrorist-group.html. Acesso em: 04 de abril de 2024.

PURMANN, Ingrid L. O. *Estados Unidos y la Guerra al Terrorismo en Triple Frontera: una aproximación constructivista*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

RODRIGUES, Alex. *Centro inaugurado em Foz do Iguaçu vai combater crimes de fronteira. 2019*. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/centro-inaugurado-em-foz-do-iguacu-vai-combater-crimes-de-fronteira. Acesso em: 08 de abril de 2024.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. *11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado*. Revista de Sociologia e Política, v. 23, p. 9-26, 2015.

SALA, José Blanes; GASPAROTO, Ana Lúcia (Ed.). *Relações Internacionais: polaridades e novos/velhos temas emergentes*. Editora Oficina Universitária, 2010.

SEQUERA, Maricarmen; ZANATTA, Rafael. *Integração Invisível*. ASSOCIAÇÃO DATA PRIVACY BRASIL DE PESQUISA. 2022.

SILVA, Lucas Felipe da; SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. *"ROBBERY OF THE CENTURY": Do assalto milionário no Paraguai à marginalização do CUT BRA-AR-PY na cobertura jornalística*. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Cascavel, 2018.

SILVA, Lucas Felipe da; SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. *A formação discursiva da Tríplice Fronteira no jornalismo brasileiro*. Líbero, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 80-94, jun. 2018. Disponível em: https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/847/674. Acesso em: 08 de abril de 2024.

SILVA, Micael Alvino da. *Breve história de Foz do Iguaçu*. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

SILVA, Micael Alvino da; LISBOA, Marcelino Teixeira; GIMENEZ, Heloisa Marques. *Fronteiras e ri: território, segurança e comércio*. Em: SILVA, M. A.; CASTRO, I. C. S. (Orgs.). Além dos limites: Tríplice Fronteira nas relações internacionais contemporâneas. São Paulo: Alameda, 2021.

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VILLA, Rafael Duarte. *O Paradoxo da Macrossecuritização: Quando a Guerra ao Terror não Securitiza Outras "Guerras" na América do Sul*. Rio de Janeiro: Contexto Internacional (PUC). 2014

ANEXO A

ARGENTINA DESIGNATES HEZBOLLAH A TERRORIST ORGANIZATION ON 25TH ANNIVERSARY OF BOMBING (THE WASHINGTON POST)

By Karen DeYoung

July 18, 2019

Argentina designated Hezbollah a terrorist organization and froze its assets Thursday, the 25th anniversary of an attack on its soil, fulfilling one of Secretary of State Mike Pompeo's goals during a four-day tour in Latin America.

The designation is the first in Latin America, a part of the world where Hezbollah has been active for several decades.

The Trump administration, which considers the Lebanon-based group a proxy of Iran, is hopeful that Brazil and Paraguay will take similar steps during a regional counterterrorism conference Pompeo will attend Friday in Buenos Aires. In addition to the tri-border area of those three countries, Hezbollah is also believed to have a presence in Venezuela.

In a tweet sent from aboard his plane en route to Buenos Aires, Pompeo called Argentina's announcement an important step in cutting off Hezbollah's "ability to plot terrorist attacks. The world is recognizing Hizballah for what it is — a terrorist proxy of the Islamic Republic of Iran."

In a statement, the Argentine government of Mauricio Macri said that "Hezbollah continues to represent a current threat to security and the integrity of the economic and financial order" of the country.

Ceremonies were held in the Argentine capital Thursday to mark the anniversary of the bombing of the AMIA Jewish cultural center there. Eighty-five people died in the blast. Although no charges have ever been brought, Argentina blamed the attack — the worst terrorist incident in the country's history — on Iran and said it was carried out by Hezbollah.

Both Iran and Hezbollah denied involvement.

A bombing at the Israeli Embassy in Buenos Aires in 1992 killed 29 people and injured dozens.

Eighteen Western Hemisphere governments are expected to attend the conference, which a senior State Department official called “an important step in bolstering our collective efforts to address these threats and protect our hemisphere from the scourge of terrorism.”

Following a previous conference held just seven months ago in Washington, the U.S.-organized event comes as the administration is seeking to build trade and defense ties with Latin America and a unified effort to change the government in Venezuela, even as it fights against immigration and narcotics trafficking from the region.

Pompeo will also hold a bilateral meeting with Macri, whose government is under steep financial pressure and facing a presidential election in October.

On Monday, the secretary plans to address the Veterans of Foreign Wars.

ANEXO B

85 WERE MURDERED IN AN ATTACK ON JEWS. THEY DESERVE JUSTICE. (THE NEW YORK TIMES)

Argentina is observing the grim 25th anniversary of a horrific car bombing at a Jewish community center. Its government has never arrested the culprits.

July 18, 2019
By Avi Weiss

Rabbi Weiss is a longtime activist for Jewish causes and human rights.

BUENOS AIRES — Twenty-five years after Argentina's largest Jewish community center was bombed, murdering 85 people and wounding another 300, the cries of the dead call out to me as I walk this city's streets, having traveled to be with Argentina's Jewish community this week to share its grief on this terrible anniversary and to meet government officials to demand that justice finally be done.

Two years after an attack on the Israeli Embassy here in March 1992 that took 29 lives, the suicide car bombing of the Argentine Israelite Mutual Association on July 18, 1994, became the deadliest attack against the Jewish community in the diaspora since the Holocaust. Yet we still have no incontrovertible official explanation of who was behind it, nor arrests of any culprits.

In the quarter-century since the attack, Argentine leader after leader has tried to cover up the truth of who exactly was responsible for this act of terrorism and who in the government abetted it.

This is not my first trip to Argentina. I came here immediately after the bombing, to be with the bereaved. A few days later, Carlos Menem, who was then the country's president, granted me a one-on-one meeting at his residence in which he tried to convince me that there would be no cover-up, that Argentina would find the truth.

But over the years, he did all he could to quiet the calls for justice with ever more falsehoods and denials of knowledge about who was to blame.

One year later, when I returned to Buenos Aires to again seek the truth and

console my fellow Jews in their undying grief, I got a personal look at the cover-up. Mr. Menem's minions tried to shut me up. And the person appointed to be a special prosecutor for the bombing, Juan José Galeano, subpoenaed me to his office, bullied me and tried to intimidate me with thinly veiled threats if I didn't stop looking into the matter on my own.

Nor did it end there. In 2013, another Argentine president, Cristina Fernández de Kirchner, tried to bury history by signing a memorandum of agreement with Iran to jointly investigate the bombing.

Iran should investigate the bombing? The very idea was as absurd as asking Al Qaeda to investigate the men who flew into the World Trade Center.

Today, it is almost certain that Iran had a role in the bombing and that its proxy, Hezbollah, almost surely carried it out. Those charges had been made formally in 2006 by an honest and brave special prosecutor, Alberto Nisman. But in 2015 he was assassinated on the day before he was going to charge Ms. Kirchner and other government officials with conducting a cover-up, and to reveal information about the murderous actions of both Iran and Hezbollah.

Mr. Menem and Ms. Kirchner are now senators in the Argentine government, a position that gives them immunity from prosecution. But who have they been protecting? Was Mr. Menem trying to cover up the role of neo-fascist and ultra-right-wing thugs he had placed in important intelligence and security positions? Among the most well known of these notorious figures was Col. Pascual Oscar Guerrieri, who was appointed by Mr. Menem as an adviser to the State Intelligence Agency.

Did Ms. Kirchner sign the memorandum of understanding with the Iranians in exchange for oil and trade? Is that why Argentina — to this day — shamefully maintains diplomatic relations with Iran?

We won't know the answers to these and many other questions until the mountain of deceit that has been shoveled atop the dead is cleared away. Only at that point will Argentina be able to do justice to their memory. It will be only at that point that their cries will be stilled in my mind.

The dead can't be brought back to life, of course. But a moral reckoning, and a historical cleansing, can be achieved with further investigation — this time in the open air. And the

dead will have a measure of peace, as will their still-grieving survivors.

Avi Weiss, an activist for Jewish causes and human rights, is the founding rabbi of the Hebrew Institute of Riverdale and the founder of the rabbinical schools Yeshivat Chovevei Torah and Yeshivat Maharat.

The Times is committed to publishing a diversity of letters to the editor. We'd like to hear what you think about this or any of our articles. Here are some tips. And here's our email: letters@nytimes.com.

A correction was made on July 18, 2019: A previous version of this article carried a headline that misstated the number of Jews killed in a car bombing. Not all of the 85 victims were Jews.

ANEXO C

ARGENTINA DESIGNATES HEZBOLLAH TERRORIST GROUP ON 25TH ANNIVERSARY OF BOMBING (THE NEW YORK TIMES)

By Daniel Politi
July 18, 2019

BUENOS AIRES — Argentina designated Hezbollah a terrorist organization on Thursday and ordered a freeze on the financial assets of the group, which has been blamed for two terrorist attacks in the country.

The move coincided with the 25th anniversary of one of those attacks, the 1994 bombing of a Jewish community center in Buenos Aires, the Argentine capital, which killed 85 people and wounded more than 300 in one of the deadliest anti-Semitic crimes since World War II.

The terrorist designation of Hezbollah, a political and military group supported by Iran, came a day before a whirlwind visit by Secretary of State Mike Pompeo. He was participating in a regional counterterrorism conference in Buenos Aires and taking part in a commemoration of the victims of the 1994 bombing of the Argentine Jewish Mutual Aid Association community center.

Argentina's move came as the Treasury Department in Washington announced sanctions on a senior Hezbollah operative it said had planned the 1994 bombing. A Treasury statement said the operative, Salman Raouf Salman, had "directed terrorist operations in the Western Hemisphere for Hezbollah ever since." It offered a $7 million reward for information on his whereabouts.

Mr. Pompeo's trip comes at a time when "the U.S.-Iran policy has been isolated in Europe and found little support among traditional partners, so the State Department is looking for unusual allies to tighten the screws on Iran," said Benjamin Gedan, an Argentina expert at the Woodrow Wilson International Center for Scholars.

"Argentina can help the United States tell a compelling story of Iran's support for terrorism," Mr. Gedan added.

Since coming into office in December 2015, President Mauricio Macri of Argentina has made it a priority to improve relations with the United States.

Yet the government was not just receiving pressure from abroad when it came to the terrorist designation of Hezbollah, which holds ministerial posts in its base country, Lebanon.

Ariel Eichbaum, the president of the Argentine Jewish Mutual Aid Association, celebrated the Hezbollah designation as “a concrete step in the fight against terrorism in the region.”

He spoke at a memorial service shortly after sirens sounded at 9:53 a.m. on Thursday to mark the moment of the attack a quarter-century ago.

Argentina added Hezbollah to a new, publicly available registry of entities or people who could be tied with terrorists, a list based on information provided by the United Nations, by the country’s judiciary and by the Financial Information Unit, or UIF, Argentina’s anti money laundering organization.

Hezbollah “continues to represent a current and present threat to national security and the integrity in the Argentine Republic’s financial economic order,” the UIF said in explaining its inclusion of the group in the new registry.

“This is a very useful tool that reinforces our legal framework to prevent future actions related to terrorism and its financing,” Justice Minister Germán Garavano said. He also said the move has a “symbolic value,” considering that Argentina’s judiciary has also accused members of Hezbollah and the Iranian government of taking part in the community center attack as well as a 1992 bombing of the Israeli embassy in Buenos Aires that killed more than 20 people.

There are currently five Interpol red alerts for Iranian citizens and three for Lebanese citizens that the Argentine courts have accused of taking part in the community center attack. Iran has long denied any involvement.

A quarter-century after the attack, the Argentine judiciary has yet to criminally convict anyone for carrying out the assault. Earlier this year, eight people, including a former federal judge and a former head of the intelligence services, were convicted of taking part in a cover-up to obstruct the investigation into the 1994 bombing.

Last year, the Financial Information Unit ordered the freezing of the assets of the so called Barakat Clan, which is considered the most direct connection with Hezbollah in the region. The clan operates from the porous tri-border region where Argentina, Brazil and Paraguay meet, an area seen as a hub for illegal activity, including terrorism financing.

The United States Treasury Department has said the head of the clan, Assad Ahmad Barakat, “has long served as a treasurer” for Hezbollah.

“For decades, Hezbollah has taken advantage of the loosely regulated region to raise money and plan possible attacks,” Nathan A. Sales, the State Department’s coordinator for counterterrorism, said at a forum last week in Washington. “We assess that some of the planning for the AMIA bombing took place there,” he added referring to the community center attack.

But Seth Jones, a terrorism expert at the Center for Strategic and International Studies in Washington, said that while Hezbollah has long been involved in the drug trade in the region, “When it comes to Latin America, I don’t see a stepped up Hezbollah threat.”

He added of the designation and the freezing of assets: “I don’t think it gets you a lot. It’s more of a political step than a financial one, or one that will weaken it from a paramilitary perspective.”

A correction was made on July 19, 2019: Because of an editing error, an earlier version of this article misstated the number of Interpol red alerts issued for Iranian and Lebanese citizens. There are currently five for Iranian citizens and three for Lebanese citizens, not four for Iranians and one for a Lebanese citizen.

ANEXO D

POMPEO FOCUSES ON IRAN AND HEZBOLLAH AT LATIN AMERICA COUNTERTERRORISM CONFERENCE (THE WASHINGTON POST)

By Karen DeYoung
July 19, 2019

BUENOS AIRES — Iran and Hezbollah, the Lebanese militia it supports, were the central focus of a Latin America counterterrorism conference Friday that Secretary of State Mike Pompeo said was part of a "concerted effort to reengage with our partners in the hemisphere."

In an opening statement to the gathering of 18 nations in Argentina's capital, Pompeo said that international terrorist groups such as al-Qaeda and the Islamic State "continue to seek a lasting presence in our hemisphere."

"The roots of these terror groups may be many miles away, but their branches twist around the globe — raising funds, seeking recruits, probing for our weaknesses, challenging our defenses," Pompeo said.

But "Iran-backed Hezbollah," he said, is a particular threat in South America, where it has long maintained active fundraising and recruiting efforts in the tri-border area of Argentina, Paraguay and Brazil, and in Venezuela.

The administration's increased interest in South America, after largely ignoring the region in its first year, coincides with several strands of President Trump's foreign policy. In addition to Hezbollah's activities, efforts to replace the Venezuelan government of Nicolás Maduro, regional trade competition with China and the election of a spate of more conservative South American governments have drawn attention from Washington.

Pompeo's trip, which also includes stops in Ecuador, Mexico and El Salvador, is his sixth to the region, including attendance at the Group of 20 summit in Argentina last November and an April trip that included Chile, Paraguay and Colombia. A year ago, he also traveled to Mexico.

Pompeo's visit to Argentina coincided with the 25th anniversary of the worst terrorist assault in this city, a July 18, 1994, car bomb attack on the main Jewish community center, which left 85 dead and more than 300 wounded.

At a commemoration at the rebuilt site Friday morning, Pompeo lit a candle under a plaque with the names of the dead. "They were killed by members of a terrorist group, Hezbollah, and had help that day from Iran," which he said provided "logistical support and funding through its Islamic Revolutionary Guard Corps."

Ariel Eichbaum, president of the Israel-Argentine Mutual Association, also charged Hezbollah with responsibility, as has the Argentine government. But Eichbaum, while calling for the killers to be brought to justice, centered his remarks on Argentina's immigrant population, including Jews. Noting that they had gathered to form a community, he said that "we can show the world how to live together."

Pompeo, at a later news conference with Argentine Foreign Minister Jorge Faurie, praised President Mauricio Macri, whose government on Thursday designated Hezbollah a terrorist organization — a first in South America — and said its assets would be frozen.

Brazil and Paraguay did not follow suit, despite U.S. entreaties. But Faurie announced that they, along with the United States, had decided to form a "regional mechanism" to combat "illicit activities . . . as well as possible linkages to transnational crime and the financing of terrorism."

Pompeo met privately with Macri at the presidential residence in the suburbs of Buenos Aires. The State Department said Pompeo "reaffirmed U.S. support for Argentina's economic reform agenda."

Macri faces a tough reelection battle in October against the resurgent Peronist party, as his efforts to right the country's faltering economy have found little traction. The United States has expanded Argentina's access to the Overseas Private Investment Corporation, but has not responded to the country's call to lessen heavy tariffs on imports of Argentine biodiesel fuel.

At his news conference, Pompeo was asked about U.S. claims that it shot down an Iranian drone this week, and Iranian Foreign Minister Mohammad Javad Zarif's denial that the

incident happened.

“It went down, and that fact that... Zarif either didn’t know or lied about it, I can’t account for. It happened,” Pompeo said.

Zarif made his remarks during a visit to the United Nations in New York. “I would welcome the chance to get access to the Iranian media in the same way he gets access to the American media,” Pompeo said. “I think that would be fantastic.”

Correction: *An earlier version of this story misstated the number of times Secretary of State Mike Pompeo has visited Latin America. He has made six trips to the region.*